

Abílio entre o palco e a tela

Abílio Pereira de Almeida e Liana Duval na peça *Licor de Maracujá*, cujos originais constam do acervo pessoal do teatrólogo, ator e cineasta. O acervo, que está no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedac) da Unicamp, tem sido fonte de pesquisas acadêmicas. **Página 10.**



Ianni toma o pulso da sociedade global

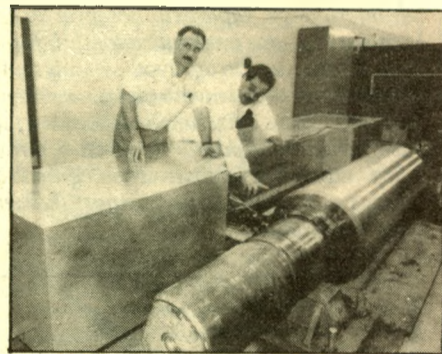


Octavio Ianni é sociólogo e professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

Os acontecimentos mundiais em curso indicam que um novo ciclo histórico se inicia e que os conceitos de pátria e nação darão lugar, gradativamente, à idéia de comunidade universal. A partir dessa constatação, cristalizada com o término da guerra fria, a queda do muro de Berlim e a dissolução do bloco soviético, o professor Octavio Ianni escreveu um ensaio raro no contexto da sociologia brasileira, onde analisa o fenômeno da globalização da sociedade e o surgimento do "cidadão do mundo". Entrevista às **páginas 6 e 7.**

Laser de CO₂ da Unicamp chega à siderurgia

A Cosipa encomendou, a Unicamp desenvolveu e a Lasertech, de Campinas, aprimorou um laser de gás carbônico que desde julho passado vem sendo — pela primeira vez no Brasil — utilizado na laminação de placas de aço. **Página 3.**



Scarparo e Gerk: trabalho conjunto.

Inéditos de Sacchetta são reunidos em livro

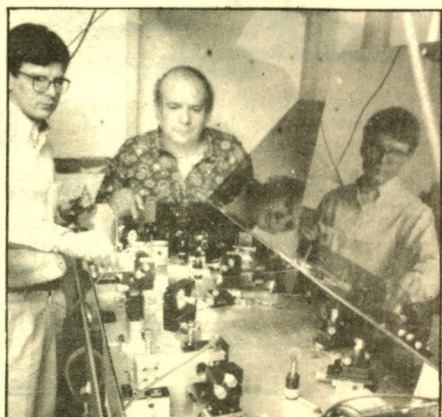
Reunida por seu filho Vladimir e com apresentação do sociólogo Ricardo Antunes, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, chega às livrarias uma coletânea de textos inéditos e de documentos juntados ao longo do tempo pelo militante trotskista Hermínio Sacchetta. O acervo pessoal de Sacchetta, falecido há dez anos, encontra-se no Arquivo Edgard Leuenroth e serviu de fonte para a preparação do livro, que sai sob o selo da Editora da Unicamp. **Última página.**



O militante político Hermínio Sacchetta.

Vidros dopados. Veja a importância disso.

Após um ano e meio de trabalho, pesquisadores do Instituto de Física "Gleb Wataghin" concluíram o desenvolvimento de uma nova família de vidros dopados com semicondutores. O novo material poderá ser utilizado em sistemas de comunicações ópticas, tornando mais rápida a transmissão de informações. No circuito integrado óptico, os dados são transmitidos por feixes de luz guiados, e não através de pistas metálicas, como no sistema convencional. **Página 3.**



Brito e Barbosa, do Instituto de Física.

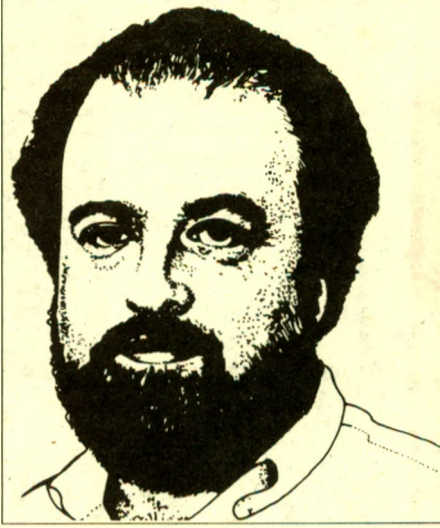
Qualificação e política de pessoal

José Tadeu Jorge

Vários foram os motivos que levaram à decisão de definir o quadro de funcionários da Unicamp, tarefa confiada ao Conselho Orientador de Recursos Humanos (CORH). O principal deles foi a percepção de que com a implantação da autonomia de gestão financeira e a consequente vinculação do orçamento à arrecadação do ICMS, os gastos com pessoal seriam o fator estratégico de equilíbrio nas contas das Universidades. A série histórica dos orçamentos mostra, invariavelmente, o elevado percentual de recursos destinados à folha de pagamento. Era previsível que o sucesso do novo sistema estaria diretamente relacionado com a competência das instituições em disciplinar seus gastos com os servidores, mesmo em tempos de bom desempenho da economia do país.

Quando se iniciou a efetiva implantação do processo de autonomia, prevalecia no interior da Universidade a cultura, significativamente atrelada ao conceito do funcionalismo público em geral, representada pelo número continuamente crescente de servidores contratados. Ao mesmo tempo, e contradiatoriamente, ganhava corpo a afirmação genérica de que havia excesso de funcionários, sem, entretanto, precisar-se onde e quantos.

Por outro lado, o processo de qualificação da Unicamp não poderia sus-



José Tadeu Jorge é chefe de gabinete da Reitoria e ex-diretor da Feagri.

tentar-se e conviver com um quadro de funcionários mal dimensionado e sem critérios preestabelecidos para identificar as necessidades de contratação. O grande avanço representado pela criação das carreiras de apoio poderia ser colocado em risco se não fossem definidos os critérios de dimensionamento do número de funcionários realmente necessários, evitando e/ou identificando excessos, disciplinando a concessão de gratificações de representações com critérios claros e objetivos e viabilizando a movimentação interna de pessoal.

Nesse contexto, duas diretrizes foram fundamentais para se chegar a propostas concretas. A primeira, o diálogo com as direções das unidades/órgãos, que permitiu debater as questões essenciais da filosofia a ser seguida, naquele momento tão importante quanto os números a serem definidos para cada quadro. A segunda, a garantia de que a implantação do novo sistema, por mais modificações que trouxesse, não causaria prejuízos aos funcionários, em nenhuma hipótese.

De forma inédita na história da Unicamp, a Câmara de Administração do Conselho Universitário deliberou sobre a quantidade de funcionários a ser contratada, onde seriam lotados e quando os concursos poderiam ser abertos. Já estão fixados os quadros e as necessidades de funcionários de todas as unidades de ensino e pesquisa, quinze centros e reitoria. Até o final do ano, toda a Universidade terá seu quadro definido.

A sistemática decorrente dos estudos realizados permitiu comprovar a não necessidade de contratar funcionários administrativos, preenchendo as necessidades reconhecidas através de processos de remanejamento. O estudo indicou, ainda, a falta de pessoal técnico especializado, utilizado diretamente nas atividades de ensino e pesquisa, sem possibilidade de ser suprida pela relocação.

Para evitar outro problema crônico

do funcionalismo público — a contratação de pessoal inadequado — optou-se pela criação de um programa de estágios técnicos. Ao implantar este programa a Unicamp cumpre parte do seu papel social, dando oportunidade a jovens profissionais para que se qualifiquem, ao mesmo tempo que permite às unidades/órgãos avaliarem suas reais necessidades de contratação, bem como suas prioridades. Com estas definições bem claras, o concurso público pode ser aberto com total segurança sobre a necessidade, perfil, nível e adequação do servidor.

A redução de cerca de mil funcionários no quadro da Unicamp nos últimos dois anos demonstra que o trabalho realizado pelo Conselho Orientador de Recursos Humanos foi peça importante na estratégia de otimizar os gastos com pessoal. A definição do quadro contribuiu para que as unidades/órgãos não só mantivessem suas atividades, como as melhorassem quantitativa e qualitativamente, conforme pode-se verificar pela análise de todos os indicadores relacionados com o ensino e a pesquisa.

Não é, por acaso, portanto, que a Unicamp é a universidade estadual paulista que apresenta o menor gasto percentual com a folha de pagamento e a que sentiu com menor intensidade os problemas decorrentes da recessão causada pela política econômica implantada no país nos últimos anos.

Automação de bibliotecas dá um passo à frente

Leila Mercadante

A comunidade acadêmica da Unicamp tem, a partir de agora, maior rapidez para saber sobre os livros, as teses e os periódicos que estão em suas bibliotecas. Um tanto da frustração de nosso usuário quando chegava do exterior — contando com as facilidades dos acessos automatizados encontrados nas bibliotecas dos países de Primeiro Mundo — pode hoje ser amenizado.

No Brasil, a automação das bibliotecas ainda não atingiu níveis razoáveis. Isso se deve principalmente à complexidade de registro e recuperação do dado bibliográfico, aos tímidos investimentos em informática que as instituições dedicam às suas bibliotecas e à própria exiguidade de recursos humanos suficientemente preparados, tanto na área de biblioteconomia como na de informática, capazes de desenvolver e gerenciar sistemas automatizados de informação. Essa situação agravou-se, pois muitas bibliotecas ao desenvolverem seus sistemas automatizados o fizeram isoladamente, sem usar um formato padrão de registro, tornando praticamente impossível a integração dos dados e o consequente compartilhamento dos resultados.



Leila Mercadante é diretora da Biblioteca Central da Unicamp.

A experiência da Unicamp, ao implantar o Plano de Automação do seu Sistema de Bibliotecas, parece sinalizar uma situação diferente. Os esforços foram direcionados tanto ao uso de formato nacional (CALCO) e de sistema de recuperação já

disponível (SAB-II), quanto ao desenvolvimento próprio de funções e de aplicativos locais. Assim, ao mesmo tempo que atende a sua comunidade local, coopera com o esforço para dotar o país de uma base nacional através do Bibliodata CALCO e com o Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos (CCN), tornando disponíveis as informações sobre seus acervos.

O trabalho conjugado da Biblioteca Central e do Centro de Computação resultou nas seguintes facilidades, já disponíveis para os usuários, tanto nas bibliotecas, como nos departamentos que contam com terminais IBM e VAX:

— acesso automatizado aos acervos de livros e teses, através da Base de Monografias, que contém 25% da coleção, porcentagem concentrada nas obras adquiridas a partir de 1990, e nas mais usadas. As teses defendidas após 1987 também estão acessíveis, e até o final do ano devem estar todas registradas. Como os dados são acrescentados sistematicamente, a atualização dessa base é constante.

— acesso automatizado a toda coleção de periódicos, com adição de dados dos novos fascículos recebidos.

Os sistemas de recuperação apresentam várias opções de consulta dos materiais, sempre informando sobre a localização dos

mesmos nas bibliotecas do Sistema, onde folders explicativos estão à disposição dos usuários.

As buscas automatizadas à informação para o usuário das bibliotecas da Unicamp não se esgotam, no entanto, em suas próprias coleções. Atualmente o serviço de levantamentos em bases nacionais e internacionais é realizado sistematicamente, tanto on line, como em bases em CD-ROM. Apesar dos custos envolvidos, pois somente as buscas em bases em CD-ROM e as nacionais são livres de pagamento, os números dos acessos realizados em 1991 atestam que a comunidade acadêmica já incorporou esse uso. Seguindo a tradição de prestação de serviços à comunidade externa, observa-se que 20% dessas buscas foram executados por usuários de outras universidades, profissionais, indústrias etc.

Mesmo diante dessas conquistas, bibliotecários e usuários não se acomodam, querem mais. Os profissionais continuam planejando e expandindo seus serviços, os funcionários demandam por mais informação. Sem dúvida essa é uma característica que faz parte do perfil de uma Universidade que sabe o valor da informação e das bibliotecas como infra-estrutura indispensável para suas atividades de docência e pesquisa.

LIVRARIA
F: 39-2000

• PROFESSORES (ADUNICAMP) • PÓS-GRADUANDOS (APG)

COMPRE EM SETEMBRO
E PAGUE EM OUTUBRO

LIUBLIÚ - TILLI CENTER E GALERIA NAHAS - BARÃO GERALDO
BANCA DE LIVROS UNICAMP

Reitor - Carlos Vogt
Vice-reitor - José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão - César Francisco Cianco
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário - Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação - Adalberto Bono M. S. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa - Arnando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação - José Dias Sobrinho

Este jornal é elaborado mensalmente pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas - SP. Telefones (0192) 39-7865, 39-7183 e 39-8404. Telex (019) 1150. Fax (0192) 39-3848.

Editor - Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor - Amarildo Carniel (MTb 15.519)
Redatores - Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglionne (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.917), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751).
Colaboradora - Raquel do Carmo Santos
Fotografia - Antoninho Perri (MTb 828)
Ilustração e Arte Final - Oséas de Magalhães
Diagramação - Amarildo Carniel e Roberto Costa
Serviços Técnicos - Clara Eli Salinas, Dulcinéia Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.

COMPOSIÇÃO,
FOTOLITOS E IMPRESSÃO

IMPRENSA OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO

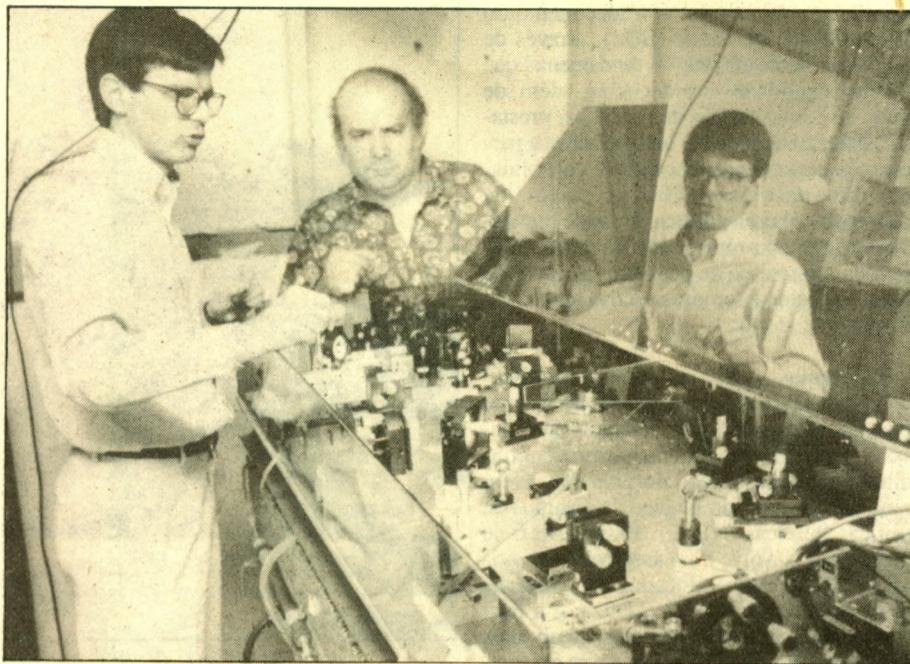
Vidros dopados expandem a óptica

Unicamp desenvolve novo material que agiliza sistemas optoeletrônicos.

Com possibilidade de aplicação em dispositivos para transmitir informações em velocidade até 100 vezes maior do que os sistemas optoeletrônicos atualmente em uso na comunicação óptica, um novo material foi obtido na Unicamp, após um ano e meio de pesquisas. Trata-se de uma nova família de vidros dopados com semicondutores, cujas propriedades são agora estudadas nos laboratórios do Grupo de Fibras Ópticas e Fenômenos Ultra-rápidos, do Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW) da Universidade. A análise e o estudo de suas características, embora preliminares, têm mostrado propriedades ópticas competitivas internacionais.

Para chegar à fabricação do novo material destinado a comunicações ópticas e com características semelhantes a vidros, a equipe do IFGW contou com a experiência do químico Oswaldo Luiz Alves e do físico Luiz Carlos Barbosa, docentes da Unicamp, ambos raros especialistas em vidros no país. Ao conhecimento deles somou-se o trabalho de outros três físicos da Universidade — Carlos Henrique de Brito Cruz, Carlos Lenz Cesar e Hugo Fragnito, especialistas em óptica não linear. O financiamento é do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CPqD) da Telebrás, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT) do governo federal.

Vantagens — Os resultados dessa pesquisa básica sobre o material à base de telureto de cádmio — que futuramente pode ser aplicado, permitindo tornar mais rápida a transmissão de dados em sistema de comunicação óptica —, têm evidenciado à equipe as vantagens do vidro e do semicondutor. Brito explica que, do ponto de vista da comunicação óptica, o vidro possibilita obter o dispositivo denominado guia de onda, capaz de dirigir a luz por distâncias mais curtas do que uma fibra óptica. "O guia de onda é um elemento essencial para integrar vários dispositivos num volume bem pequeno e fabrica-



No laboratório do IFGW, Brito e Barbosa fazem testes com o novo vidro.

em luz aquilo que é análogo ao circuito integrado eletrônico".

Enquanto pelo circuito integrado eletrônico convencional as informações são carregadas em pistas metálicas por onde os elétrons se deslocam, no circuito integrado óptico os dados são transmitidos por pequenos feixes de luz guiados. "Como resultado, a informação chega muito mais rápida", afirma Brito. Já o semicondutor apresenta como vantagem a propriedade de não linearidade óptica, ou seja, uma vez que a capacidade de transmitir luz depende da quantidade da mesma que incide sobre o dispositivo, o próprio dispositivo pode então controlar a luz que passa por ele. A luz somente passa quando a intensidade é alta. E como se fosse uma chave eletrônica que liga-desliga, porém com a vantagem de que a alteração acontece em tempo extremamente curto, em se tratando de vidro dopado com semicondutor: menor do que um milésimo de bilionésimo de segundo.

Minúsculas ilhas — Vários são os grupos de pesquisadores que se dedicam, em diferen-

tes países, à obtenção de vidros especiais para comunicação óptica. O material pesquisado pelo IFGW, por exemplo, é composto de um substrato de vidro contendo pequenas ilhas que estão semicondutoramente distribuídas e incluem o semicondutor telureto de cádmio e que estão uniformemente distribuídas no interior do vidro, como se fossem minúsculas ilhas. Cada ilha é um ponto quântico (quantum dot), extremamente pequeno: o ponto equivale a 30 Angstrom ou o mesmo que um décimo de milésimo de um fio de cabelo. Em outras palavras, o correspondente a um milhão de pontinhos para formar três milímetros.

Segundo os pesquisadores, o tamanho do ponto, a densidade por unidade e a uniformidade de volume, simultaneamente, são características importantes no resultado do trabalho. "Quanto menor o tamanho do ponto mais forte será o efeito de não linearidade óptica. Isso ocorre devido ao confinamento quântico, ou seja, o fenômeno físico pelo qual o material se comporta mais como uma 'molécula' grande do que como um cristal infinito", diz Brito. A densidade é uma característica importante, uma vez que permite que todos os efeitos fiquem mais fortes e quanto mais pon-

tos se têm, melhor se alcança o objetivo. Quanto à uniformidade, é considerada relevante porque possibilita a todos os pontos quânticos desempenharem igualmente o seu papel.

Fabricação — O físico Luiz Carlos Barbosa e o químico Oswaldo Luiz Alves foram os responsáveis pelas duas etapas do processo de fabricação do vidro dopado. Barbosa explica que inicialmente se prepara o vidro de forma convencional (por fusão) com os dois compostos químicos, mantidos durante uma hora à temperatura de 1.400 graus. Ainda nesta etapa o material sofre o processo de resfriamento rápido e até este passo os vidros são transparentes. O segundo passo da fabricação é o tratamento térmico, com temperaturas que variam de 600 a 700 graus centígrados, em diferentes tempos. É nesta fase que se inicia o crescimento dos pontos quânticos. Quanto maior o tempo de tratamento, maior será o tamanho desses pontos.

Durante o processo de fabricação o vidro adquire cores que se alternam conforme o tamanho do ponto quântico, constituído por cristais do telureto de cádmio, do marrom, quando o ponto é maior, ao amarelo, com ponto menor. A medição dos pontos é feita com microscópio eletrônico de transmissão, no Instituto de Química (IQ), enquanto as propriedades ópticas do material são estudadas no IFGW. Em estágio anterior da pesquisa também se utilizou enxofre. No entanto, esse componente foi abandonado porque os melhores resultados são obtidos com o telureto de cádmio. Este apresenta propriedades ópticas mais convenientes do que o seleneto de cádmio, que tem sido fabricado por laboratórios estrangeiros.

Óptica integrada — Com o processo de fabricação já controlado e, dentro em breve, concluídos os estudos das propriedades ópticas do vidro dopado com telureto de cádmio, os pesquisadores do Grupo de Fibras Ópticas e Fenômenos Ultra-rápidos pretendem otimizar o dispositivo óptico. De acordo com Brito, o apoio pelo CPqD da Telebrás permite que haja uma conexão mais efetiva entre a pesquisa básica realizada na Unicamp e a pesquisa aplicada, desenvolvida no CPqD. Por exemplo, um relevante desenvolvimento atual é a fabricação de guias de onda ópticos sobre os vidros dopados, o que permitirá a fabricação de dispositivos para óptica integrada, análogos aos circuitos integrados eletrônicos. (C.P.)

Laser de CO₂ ganha nova aplicação

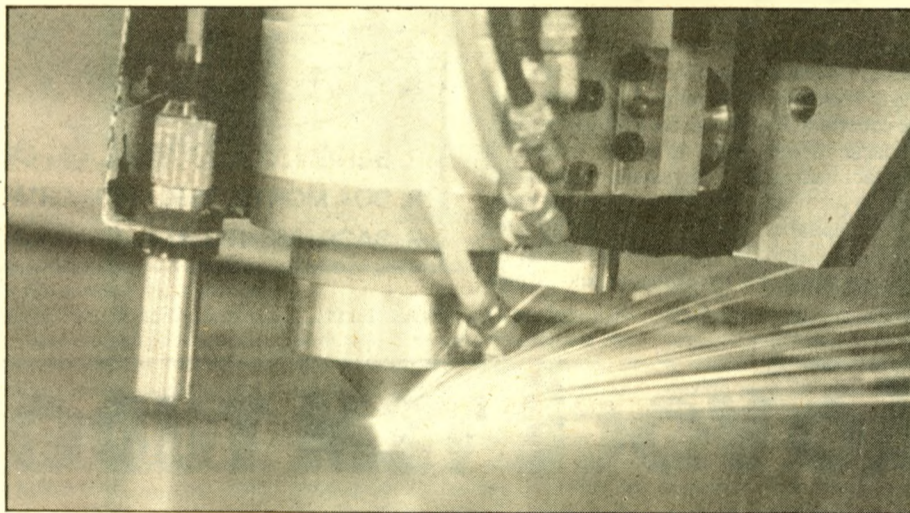
Produto será utilizado na laminação de chapas de aço.

A siderurgia nacional tem agora condições de acompanhar uma nova tendência mundial: a que se refere à tecnologia empregada para o acabamento superficial de chapas de aço, utilizadas principalmente nos segmentos automobilístico e de eletrodomésticos. Trata-se do resultado do convênio Unicamp-Lasertech-Cosipa, através do qual o laser de gás carbônico (CO₂), com 3 mil watts de potência, é empregado para texturizar cilindros de laminação das chapas, em substituição à tradicional técnica de jatos de granalha (metal granulado). Conseqüentemente, o consumidor final contará com um produto de melhor qualidade.

No dia 31 de julho último a Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa) recebeu os primeiros cilindros que, fruto de trabalho conjunto com a Unicamp, levam a tecnologia desenvolvida na Lasertech (empresa especializada no desenvolvimento de produtos e sistemas que utilizam tecnologia a laser). Pela Universidade, respaldaram a construção do equipamento o Departamento de Eletrônica Quântica, do Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW) e o Centro de Tecnologia (CT), responsável pela usinagem básica de construção da máquina que faz a texturização.

Ensaio — A laboratório da Aplicação de seu através do Departamento de Engenharia de Laser em Mecânica Fina, ligado ao Departamento de Eletrônica Quântica. Coordenado pelo físico Marco Antonio Fiori Scarparo, o laboratório foi instalado em 1991 com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e da própria Unicamp. O ponto de partida do seu funcionamento foi a intenção de Scarparo de realizar a interação do laboratório com indústrias nacionais.

Aliada aos objetivos do laboratório, a iniciativa da física era encontrar novos parceiros para a Universidade, focalizando as duas pontas da área de desenvolvimento tecnológico —



Laser faz texturização experimental em laboratório da Unicamp.

quais sejam, de um lado os consumidores e usuários das tecnologias e, de outro, as empresas de desenvolvimento de tecnologias. Isso atendeu perfeitamente às necessidades da Cosipa frente ao mercado competitivo, uma vez que este órgão do IFGW visa ao desenvolvimento de laser de CO₂ de alta potência, bem como ao desenvolvimento deste tipo de laser em processamento de materiais e aplicações industriais.

Patentes — O papel da Universidade novamente tornava-se útil, tanto para o setor usuário como para o de desenvolvimento de máquinas e processos. É que através do trabalho conjunto Unicamp-Lasertech-Cosipa o laboratório absorve, desenvolve e aplica conhecimento tecnológico, obtendo custeio para o desenvolvimento auto-sustentado de tecnologias ainda em fase laboratorial — por exemplo, da estereolitografia a laser, técnica que permite a confecção de modelos tridimensionais de peças.

Com o Japão e a Europa, de uma primeira vez que a tecnologia do laser de CO₂ é empregada no Brasil para a laminação de placas de aço. A partir de trabalho desenvolvido na Bélgica e na Alemanha, onde realizou seu doutoramento, o diretor-presidente da Lasertech, Edgardo Gerck, aperfeiçoou o processo

de acabamento com laser. O texturizador incorpora vários avanços em relação à técnica e ao padrão mundiais e possibilita o depósito de patentes em conjunto com a Unicamp.

"Vales" — Gerck explica que no processo de texturização do cilindro "o laser vaporiza o centro de um ponto, com diâmetro na faixa de 0,1 milímetro, e deposita o material na borda deste ponto, de forma a realizar um solda. Ao mesmo tempo, existe um efeito de tratamento térmico que aumenta a resistência do material. Como situação final — relevo o físico —, se tem 'vales' com bordas em relevo positivo em relação à superfície original".

O relevo positivo dos cilindros é impresso com alta eficiência na chapa de aço durante a laminação, criando os "vales" também na chapa. De acordo com Gerck, o processo desenvolvido permite inclusive a execução de texturização diferenciada nas chapas, "através de texturizações diferentes no cilindro superior e no cilindro inferior. Desta forma, a chapa apresenta a sua superfície superior otimizada para pintura e a inferior otimizada para a prensagem".

Vantagens — Para o primeiro teste a Cosipa enviou a Campinas dois cilindros, pesando

cinco toneladas cada, que foram texturizados pelo equipamento a laser desenvolvido para a empresa siderúrgica. Ficou comprovado na prática que a superfície dos cilindros é modificada de forma que, ao ser laminada em dois, a chapa de aço fica repleta de microfuros com relevos positivos e negativos.

Semelhantes a minúsculos depósitos, os microfuros funcionam como reservatórios de óleo. Esse produto, no entanto, não fica apenas armazenado: sua função é impedir que a placa se danifique durante o processo de prensagem. Resultante do processo a laser, a microporosidade e a textura homogênea nas placas influenciam diretamente na qualidade do produto e facilitam o processamento do aço pela indústria. Outra vantagem em relação à técnica convencional de prensagem é a melhor retenção da pintura ou outro revestimento aplicado sobre o aço.

Perspectivas — O consumidor final não é o único que se beneficia com essa tecnologia. O calor emitido pelo laser aumenta a vida útil dos cilindros, propiciando durabilidade até três vezes maior e a economia estimada em US\$ 6 milhões por ano para a Cosipa. Segundo o diretor-presidente da companhia, Antonio Dal Fabbro, a importância do convênio está em aliar a prática ao conhecimento técnico-científico, "no sentido de favorecer a capacitação tecnológica do setor produtivo nacional". Esse aspecto pôde ser comprovado na prática, após alguns testes experimentais com chapas.

O chefe da oficina de cilindros da Cosipa, engenheiro Armando Fernandes, avalia que o resultado dos testes atende plenamente às expectativas da empresa, "principalmente quando comparado a chapas verificadas em publicações técnicas japonesas e européias". De acordo com Gerck, a experiência Unicamp-Lasertech-Cosipa abrirá novas oportunidades de pesquisas na área. Na opinião dele, o contrato mostra que a Universidade está se capacitando cada vez mais a enfrentar novos desafios na área. Iniciado no ano passado, este trabalho soma-se a outros que a Cosipa tem visando a centros de pesquisa brasileiros, visando a integrar o desenvolvimento da pesquisa e tecnologia aplicáveis ao campo siderúrgico. (C.P.)

Tese avalia serviços de saúde

Privatismo tem prevalecido sobre o dever de Estado.

Desde 1930 vigora no Brasil um sistema misto de saúde — público e privado — que beneficia menos de 13% da população. “Uma burocracia estatal instalou-se no país para viabilizar interesses de grupos privados nesta área, originando uma verdadeira máfia dentro dos hospitais. O esquema utiliza ainda os convênios como porta de entrada do serviço, em detrimento dos previdenciários, relegados a segundo plano, em filas para consultas, exames e internações”. A conclusão é de Sérgio Pio Bernardes, autor da dissertação de mestrado “O dilema entre estatização e privatização dos serviços de saúde no Brasil”, defendida recentemente no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, sob a orientação do professor Vilmar Faria, do Departamento de Ciência Política.

Para discutir os modelos privatizantes e estatizantes dos serviços de saúde, Sérgio tomou por eixo de seu trabalho a análise detalhada de dois acontecimentos importantes para o setor: a 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em março de 1986 em Brasília, com ênfase para os argumentos estatizantes de seus participantes, e o trabalho da subcomissão de saúde, segurança e meio-ambiente da Assembléia Nacional Constituinte. A conferência deveria servir de base para uma nova legislação e para isso esboçou um pacto social entre governo, lideranças sindicais, empresas de prestação de serviços médicos, indústrias farmacêuticas e equipes de profissionais da área de saúde. Apesar desse esforço, a Assembléia Nacional Constituinte, nesse particular, praticamente não representou qualquer evolução de natureza social. Muitos dos dispositivos que poderiam reestruturar as relações capital-trabalho foram desprezados. Houve predominância dos argumentos privatizantes: dos 22 deputados constituintes, apenas o parlamentar Eduardo Jorge (PT) votou a favor da estatização dos serviços de saúde no Brasil. Dos 14 artigos propostos, somente cinco foram incluídos na Constituição. Os participantes dessa subcomissão foram os representantes de setores estatal, patronal e das classes trabalhadoras, sendo oito constituintes da área de saúde.

A partir desta análise, Sérgio conclui que o sistema de financiamento da saúde no Brasil desemboca num quadro perverso. “É preciso dissociar a previdência da assistência e procurar mecanismos que contemplem o princípio de capacidade de pagamento da população”, argumenta o sociólogo, lembrando ser necessária também a quebra do modelo implantado no país, que é o da privatização dos lucros e o da socialização das perdas. Como alternativa mais viável para

o momento, ele propõe o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), através de um planejamento efetivo. “É fundamental que haja racionalidade nas decisões, além de maior descentralização dos serviços prestados”, diz, acreditando ser indispensável a participação popular na elaboração e consolidação das políticas públicas, além da priorização de uma política de saúde preventiva partindo do próprio sistema misto. “Pesa ainda o interesse de pequenos grupos, no qual a medicina é sempre curativa em vez de preventiva”, alerta.

Problemas — Em sua dissertação, Bernardes faz também um levantamento na área de saúde, agrupando seus principais problemas a partir de metodologia adotada em trabalho do qual participou durante dois anos, como pesquisador do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP). Entre eles, o de custeio, que envolve a escassez ou a má utilização dos recursos alocados na prestação de serviços de assistência médica; e a falta de integração entre as agências envolvidas, referindo-se à sobreposição de ações e a fragmentação institucional. “As crises da Previdência Social, por exemplo, sempre aparecem e são resolvidas como se fossem apenas financeiras, acobertando-se o seu conteúdo político”. A má qualidade dos serviços prestados é também um outro entrave bastante sério na área de saúde. Para Sérgio, a ausência ou a inadequação de recursos humanos e materiais impede a eficácia na provisão dos serviços prestados. Há ainda a privatização, que neste caso o autor menciona como algo negativo por referir-se à implantação da política de assistência médica voltada a privilegiar grupos de interesses do setor privado. A centralização, também um outro ponto desfavorável, evidencia os aspectos relativos ao programa ou política avaliada, tanto na formulação, implementação e organização administrativa quanto em relação ao processo político e seus efeitos sobre a política de assistência médica.

Ainda integrando a lista de problemas que norteiam o sistema de saúde no Brasil, Sérgio cita o corporativismo, lembrando que se refere aos interesses empresariais específicos, atuantes no interior das agências de financiamento do setor. Também a tecnificação e o assalariamento do médico, que são os problemas apontados como consequências das transformações ocorridas na tecnologia e que atingem os profissionais da área, devem ser relevados, segundo ele. A operacionalização — problemas relacionados com as implicações de ordem operacional, no âmbito das instituições que prestam serviços de assistência médica — e a exclusão de grupos, setores ou regiões efetivas ou potencialmente passíveis de cobertura, foram também apontados na dissertação. Sérgio destacou ainda a questão da desnacionalização — dependência da indústria de medicamentos e das empresas médicas de capital estrangeiro que atuam no setor, além das distorções ocorridas nas modalidades contratuais que são efetuadas pelo Inamps.



Sérgio Bernardes: denunciando o quadro perverso da saúde no Brasil.

Em seu trabalho de dissertação, Bernardes, que é também professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), da Faculdade Padre Anchieta de Jundiá e da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), se propôs a analisar a situação de saúde no Brasil desde a década de 30 aos dias de hoje, sem a preocupação de apontar soluções. Sobre a medicina cooperativa como a Unimed, ou a de grupo como a Golden Cross, por exemplo, ele acredita ser uma alternativa viável dentro do “sistema capenga de saúde

vigente no país”, mas faz ressalvas. “Esses grupos — que surgiram com maior intensidade no pós-64 —, geralmente oferecem aos seus associados um atendimento incompleto, não cobrindo alguns exames mais complexos, sem conseguir, muitas vezes, suprir a própria demanda. Como saída, apelam para hospitais públicos, que costumam cobrar taxas duplas: a do convênio e a da previdência, lesando o trabalhador mais pobre que não tem a quem recorrer”, finaliza. (L.C.V.).



**DÁ GOSTO COMER.
DÁ GOSTO VOLTAR.**

RONDELE

COMIDA POR QUILO
VARIEDADE E QUALIDADE
A SUA ESCOLHA

AGORA EM 3 ENDEREÇOS:


R. BENEDITO A. ARANHA, 44 - CENTRO DE BARÃO. FONE: 39-4566

R. BOA MORTE, 1366 - PIRACICABA. FONE: (0194) 34-5300

R. SACRAMENTO, 104 - CENTRO DE CAMPINAS. FONE 31-2195

Liger & Sigla

NO BARÃO VOCÊ TEM TUDO À MÃO.



BOAS OFERTAS

CUPOM DETALHADO

FACILIDADES DE PAGAMENTO

VARIEDADE DE PRODUTOS

ATENDIMENTO AMIGO

QUALIDADE GARANTIDA

Barão SUPERMERCADOS

TUDO À MÃO!

Rua Benedito Alves Aranha - Barão Geraldo

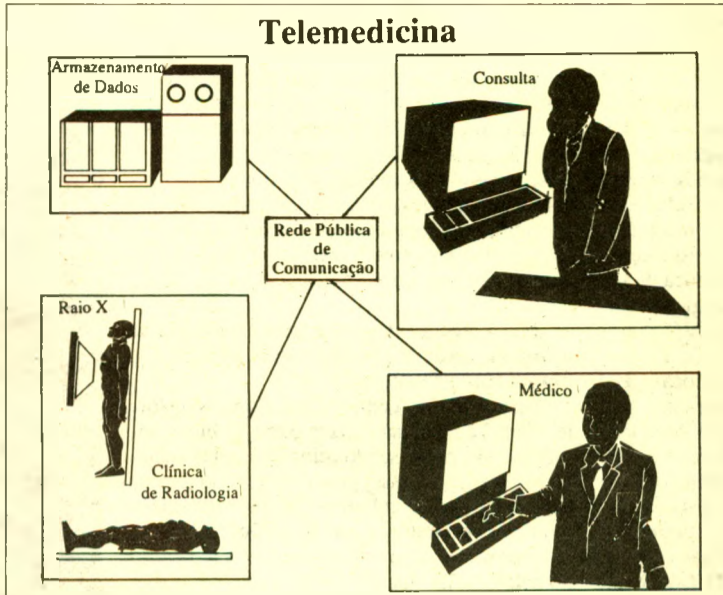
No reino da realidade virtual

Projeto multimídia é lançado durante simpósio internacional.

Está em curso uma nova revolução cultural: a da multimídia. A integração dos recursos de telecomunicações com a informática, através de uma rede de transmissão de informações de alto padrão, está gerando um novo patamar tecnológico das comunicações. Os mais diversos serviços são os poucos colocados ao alcance dos indivíduos a partir de um único toque na tecla do computador doméstico ou pelo movimento do *mouse*. A troca de informações na sociedade informatizada — que já se esboça, mas que atingirá contornos mais nítidos no próximo século —, modificará substancialmente o comportamento das pessoas.

A menos de uma década do ano 2.000, são visíveis as transformações desenhadas pela multimídia. Dos negócios aos processos culturais e educacionais, passando pelo exercício da medicina; os mais distintos setores serão afetados. Nada, nem tecnologia, ficará alheia aos efeitos dessa revolução. Nos países desenvolvidos, os centros de pesquisa investem massivamente nessa direção.

No Brasil, a comunidade científica está atenta aos movimentos da sociedade informatizada. Para não aprofundar o *gap* tecnológico existente e se preparar para as inevitáveis mudanças, a Unicamp, através de um grupo de pesquisadores da Faculdade de Engenharia Elétrica, lançou, em workshop internacional, o Projeto Multicom-21. O evento foi realizado nos dias 20 e 21 de julho último, no salão de convenções da Biblioteca Central da Universidade.



Esquema de uma rede pública de comunicação médica informatizada.

Multimídia — Os conceitos de multimídia são vastos face à amplitude de seu uso. É multisensorial: engloba os diferentes sentidos que, integrados através de toda uma gama de recursos, conecta, definitivamente, a vida do homem à do computador. O impacto da multimídia na sociedade contemporânea vem sendo apontado por especialistas que antevêm o uso do computador em todos os níveis.

O novo patamar tecnológico das comunicações é caracterizado, de acordo com os especialistas da Unicamp, pelos seguintes elementos estruturais: uso intensivo de tecnologias ópticas na infra-estrutura de transmissão, novas arquiteturas de rede, integração dos serviços de voz, dados e imagens, uso de terminais inteligentes, rede inteligente, uso massivo de software e de comunicações celulares. Com esses traços, uma nova rede in-

formatizada, formada pelo sistema de telefonia, de televisão e de comunicação de dados, dará o suporte técnico necessário para levar o versátil mundo da multimídia aos usuários mais relutantes.

Aplicações — A rede informatizada de telecomunicações e alto padrão permite uma série de aplicações. Com a tecnologia denominada de realidade virtual, com suas imagens tridimensionais, têm-se a sensação de imersão no ambiente trabalhado. Com o uso de uma luva coberta de sensores, à medida que os dedos são movimentados, impulsos elétricos são enviados à tela do computador. É possível então, com essa "extensão" da mão humana, mover "objetos" na imagem do monitor com maior facilidade e flexibilidade que o já tradicional *mouse*.

A área de planejamento urbano se-

rá amplamente beneficiada. Através de softwares sofisticados será possível não só projetar cidades do futuro como também gerenciá-las. Setores de publicações, teleconferências (que dão a ilusão de presença física, apesar dos expositores estarem a milhares de quilômetros de distância), correio eletrônico, telecompras, telemetria (processamento e transmissão de dados à distância), pontos de venda, bolsas de valores, caixas de banco, sem desprezar as aplicações já disponíveis, que serão dinamizadas.

É, porém, na área médica que se prevê uma das principais aplicações. Com a realidade virtual, o diagnóstico à distância, que já se incorporou à prática médica de pontos desenvolvidos, será agilizado por uma rede de comunicações mais eficiente. O surpreendente é que se poderá fazer consultas em tempo real com médicos de diferentes cantos do mundo. Em casos de cirurgia será possível a orientação decisiva de especialistas durante a intervenção, como já ocorre na Europa e nos Estados Unidos. Esse procedimento poderá até mesmo garantir a sobrevida do paciente. Tratamentos com radioterapia utilizados para tumores malignos poderão ser interativos. Isto é, o médico pode, simultaneamente, controlar o nível de radiação e ver em gráficos, na tela do computador, o resultado da distribuição da dosagem aplicada.

O projeto Berkorn, de comunicação de alto desempenho, em implantação na Europa sob a coordenação do professor Popescu-Zeletin, da Universidade Técnica de Berlim, foi aprendido durante o encontro da Unicamp. Financiada pela comunidade europeia ao custo de US\$ 300 milhões, o projeto é um dos mais importantes do mundo na área de telecomunicações.

Um dos objetivos, de acordo com o professor YMETZ, é de encurtar as

distâncias com o máximo de realismo possível, visando à maximização da cooperação. A informação, considerada uma ferramenta essencial no mundo moderno, assumirá uma dimensão ainda maior a partir da unificação da Europa, em 1993. O diretor do Instituto Fraunhofer-IGD- de Computação Gráfica da Alemanha, que também participou do workshop, mostrou a evolução da computação gráfica e dos sistemas de processamento multimídia que estão determinando novos paradigmas nos trabalhos da área.

Multicom-21 — Inspirado no Projeto Berkorn, o Multicom-21 é um programa de longo prazo baseado numa associação de instituições de pesquisa e ensino, em empresas de serviços, operadoras de telecomunicações e fabricantes de equipamentos e insumos. A Unicamp pretende coordenar o desenvolvimento de tecnologias e serviços associados às novas redes informatizadas de telecomunicações. Esse programa deverá contar com a participação de empresas operadoras de serviços de telecomunicações como Telesp, Embratel, Telebrás e de empresas fabricantes de equipamentos como Siemens, PHT/Promon, Alcatel, IBM, NEC, DEC, SID, entre outras.

O custo estimado para a implantação da rede multicom com tecnologia de fibras ópticas, interligando Campinas a São Paulo, é de US\$ 100 milhões. A partir do workshop realizado na Unicamp foi instituído um intercâmbio científico com os pesquisadores da Alemanha, que ficaram uma semana na Universidade conhecendo os trabalhos em andamento nessa área. Participam da coordenação do Projeto Multicom-21 os professores Rege Scarabucci, Manuel de Jesus Mendes, Heriberto Tavares e Hélio Waldman, todos da Faculdade de Engenharia Elétrica (FEE) da Unicamp. (G.C.)

Comunidade científica busca ver mais longe

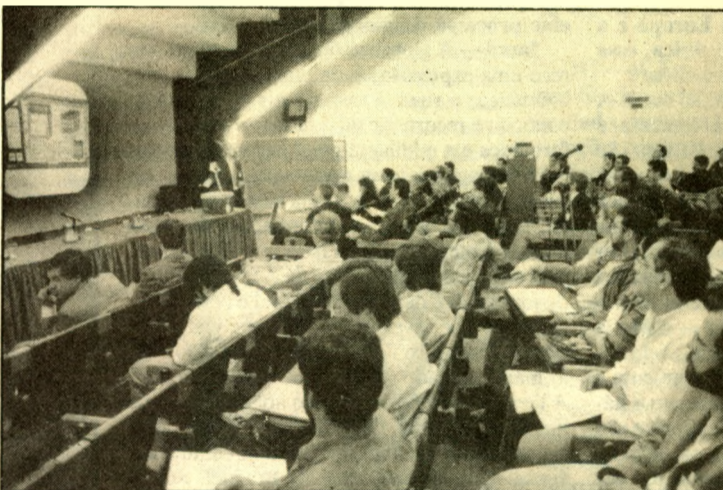
Simpósio discute criação de centro de computação de alto desempenho.

Ampliar a qualidade dos produtos reduzindo os custos operacionais é o sonho de todo empresário. No mundo da ciência, a redução do tempo na análise de dados de uma pesquisa, seja ela básica ou aplicada, sempre foi a meta da comunidade científica. Nessa busca incessante de eficiência, a computação de alto desempenho é uma ferramenta indispensável. Capazes de processar bilhões de operações por segundo, os supercomputadores são aliados preciosos de diferentes setores da sociedade moderna.

As universidades estaduais paulistas vêm sentindo a necessidade de uma máquina de grande porte para o desenvolvimento de suas pesquisas, particularmente nas áreas de física e química. Alguns setores da indústria de São Paulo também perceberam a importância dos recursos dos supercomputadores para o aprimoramento tecnológico de seus produtos. Face à demanda latente de diferentes segmentos, a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado está empenhada em planejar a criação de um Centro de Computação de Alto Desempenho para uso das universidades, dos institutos de pesquisa e das indústrias.

A implantação do Centro, prevista para os próximos anos, a um custo estimado entre US\$ 15 a US\$ 25 milhões, está sendo baseada em criteriosos estudos. Para melhor conhecer as máquinas disponíveis no mercado internacional e as experiências de centros semelhantes em andamento, a Unicamp realizou nos dias 10 e 11 de agosto último, no Centro de Convenções da Universidade, um simpósio sobre "Alternativas em Computação de Alto Desempenho".

Expansão — Nos países do Primeiro Mundo o mercado de supercomputadores está em franca expansão. Na Europa existem cerca de 120 sistemas de grande porte instalados,



Fabricantes e usuários internacionais reunidos na Unicamp

80% deles distribuídos entre Alemanha, França e Reino Unido. Os principais centros de pesquisa dos Estados Unidos e do Japão não dispensam essas máquinas poderosas em suas pesquisas, sejam elas acadêmicas ou tecnológicas. Ao mesmo tempo em que os supercomputadores vão se disseminando nos países desenvolvidos, a tecnologia das máquinas de alto desempenho se modifica. As máquinas tradicionais, de processamento sequencial, estão dando lugar às paralelas.

As alternativas de supercomputadores disponíveis no mercado foram debatidas no simpósio da Unicamp, que contou com a participação de representantes de equipamentos de grande porte como NEC, Cray Research e Parsytec. A computação de alto desempenho, que permite simulações numéricas e sua visualização, revolucionou muitas áreas de projeto, testes e desenvolvimento de novos produtos. Ela muda a classe de problemas que se pode estudar.

As máquinas de arquitetura tradicional, que operam os dados de forma sequencial, permitem, hoje, o processamento de 1 bilhão de operações por segundo. Essas máquinas possuem de 1 a até 16 CPUs (Unidade Central de Processamento). As CPUs são consideradas os cérebros dos computadores. Uma nova máqui-

na dessa arquitetura é o Cray-90, que possibilita processar 16 gigaflops (16 bilhões de operações por segundo).

Todas as empresas estão investindo na área de processamento paralelo. Durante o evento, Irving Wladawsky Berger, da IBM, mostrou as diversas linhas de alto desempenho da empresa: a tradicional, ligada à evolução das máquinas, como a IBM 3090, existente na Unicamp, e duas outras linhas ligadas às áreas de processamento paralelo, a do Cluster de estações Risc e oito máquinas modelo 560 com capacidade de 240 milhões de operações por segundo. Uma dessas está sendo instalada no Centro de Computação da Unicamp. Para o próximo ano a IBM prevê o lançamento de outra máquina de processamento paralelo usando microprocessadores da linha RS 6000.

Os supercomputadores paralelos utilizam centenas de processadores simultaneamente. Eles representam a tecnologia mais avançada em máquinas de alto desempenho. Já existem algumas dessas máquinas no mercado e todos os fabricantes de arquiteturas mais tradicionais estão investindo nessa linha. Como se trata de tecnologia recente, poucos usuários dominam a arte de utilizar todo o potencial desse equipamento. O grupo do professor Alcivar Monticelli, da Faculdade de Engenharia Elétrica da Unicamp, adquiriu, via projeto temá-

tico da Fapesp, um NCube de 64 processadores.

Durante o Simpósio, Ralph Z. Roskies, diretor do Centro de Pittsburgh, apresentou uma utilização criativa: "Integrando os dois ambientes obtém-se o melhor de cada um deles". A grande vantagem das máquinas paralelas é que, além de possibilitarem um desempenho mais eficiente, são também mais adequadas na resolução de alguns problemas de natureza complexa, comuns no mundo da ciência.

O Centro de Supercomputação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul conta, desde junho último, com um Cray-YMC-ZE/2/32 que permite processar 660 milhões de operações por segundo. Esse equipamento, adquirido por US\$ 4,5 milhões, com o apoio financeiro da Secretaria de Ciência e Tecnologia da Presidência da República, está aberto aos pesquisadores das universidades brasileiras através da Finep, e será posteriormente colocado à disposição das indústrias.

Com a nova máquina será possível reduzir substancialmente o tempo de análise de dados. Em astrofísica, por exemplo, área de pesquisa do diretor do Centro, professor Kepler de Souza Oliveira, que trabalha com simulação de estrelas, pode-se diminuir de três anos para oito dias o tempo necessário para cálculos de alta precisão. Na área biomédica, através de simulação com humanos e cobaias, é também possível reduzir os testes a mínimo indispensável antes de colocar à venda algum tipo de droga. Pesquisas como física de plasma, engenharia química, simulação de fluxos, análise de estudos de peças, redes de neurônios e informática em geral são algumas das muitas áreas a serem beneficiadas com a chegada do equipamento na UFRS.

Vantagens — Os centros de pesquisa dos Estados Unidos vêm se beneficiando desde 1985 com o uso de supercomputadores. Segundo o diretor da Worlton & Associates, Jack Worlton, que presta consultoria a diferentes empresas, as indústrias automobilísticas norte-americanas estão economizando tempo e dinheiro nos testes de segurança e eficiência de seus veículos. Através de simulação por computador, a Ford economizou

US\$ 10 milhões para testes de colisão de seus veículos, cujo custo unitário, antes do uso dos recursos do supercomputador, era de US\$ 400 mil.

Na indústria da aeronáutica, o Boeing 777 foi inteiramente projetado por máquinas de alto desempenho. Saiu direto do supercomputador para a linha de produção. O número de projetos desse Boeing reduziu-se à metade até se chegar ao modelo definitivo. A indústria farmacêutica está sendo amplamente beneficiada por essas máquinas, que podem substituir parcialmente o trabalho dos laboratórios. Os setores de perfuração de petróleo e de análise molecular valem-se cada vez mais dessa importante ferramenta no seu cotidiano.

O Centro — Depois de conhecer o funcionamento de centros de pesquisa de âmbito internacional, como o de Pittsburgh, Cornell e Doval, a Comissão do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp), presidida pelo pró-reitor de Pesquisa da Unicamp, professor Armando Turtelli Jr., poderá agora detalhar melhor o projeto de instalação do Centro de Supercomputação para o Estado de São Paulo.

A realização do simpósio, de acordo com o professor Fernando Paixão, do Instituto de Física da Unicamp e um dos coordenadores do encontro, permitiu amadurecer a questão do Centro, cuja proposta preliminar foi apresentada durante o evento. Algumas das sugestões verificadas no decorrer do encontro serão incorporadas ao projeto. Segundo Roskies, antes de se decidir sobre a máquina a ser adquirida para a instalação do centro paulista é necessário definir que tipo de ciência, se quer desenvolver, qual a aplicação técnica do centro e sua real demanda.

A partir do Simpósio de Computação de Alto Desempenho será verificado o tipo de usuário potencial do Centro para o detalhamento de seu projeto. A proposta apresentada pelo professor Jan Slets, representante da Comissão do Cruesp e professor do Instituto de Física e Química da USP, prevê a aquisição de uma máquina convênica que aos poucos se expandirá para sistemas mistos até chegar ao paralelismo massivo. (G.C.)

Octavio Ianni vê e analisa

A emergência de uma nova era, a da sociedade global, onde o homem se transforma em cidadão do mundo e multiplica suas identidades, é analisada pelo sociólogo Octavio Ianni em seu livro mais recente A Sociedade Global (Editora Civilização Brasileira, 1992). Em sua obra, o professor Ianni fala da crescente interdependência das nações e da redefinição geral de conceitos. Mostra que a civilização se encontra no limiar de um novo ciclo histórico e que "os processos e as estruturas características da sociedade global acentuam a desterritorialização das coisas, gentes e idéias, modificando as formas e os andamentos do espaço e tempo".

Jornal da Unicamp — A Sociedade Global, lançado em maio último, indica uma nova fase em seu trabalho. Como o senhor chegou ao tema da globalização?

Octavio Ianni — A rigor, a idéia do livro surge numa conjuntura muito curiosa e especial. Eu estava ministrando um curso em Madri, nos meses de janeiro e fevereiro de 91, quando ocorreu a Guerra do Golfo. Dei-me conta de que a conjuntura mundial, resultante do término da guerra fria, da queda do muro de Berlim e da dissolução dos blocos, indicava a emergência de uma nova época histórica, de um novo ciclo. O que alguns chamam de "uma nova ordem mundial" na verdade são sintomas, no plano político, econômico, cultural e outros, de uma realidade social de alcance mundial. Comecei a ler com mais atenção jornais e livros europeus. Conversei com pessoas sobre temas relacionados às questões internacionais, em diferentes níveis. Percebi que o problema mereceria uma pesquisa mais sistemática.

JU — Em que medida essa vertente da globalização vem preocupando a comunidade científica?

Ianni — Na medida em que eu pesquisava através de jornais, revistas, nas livrarias e nas bibliotecas, defrontei-me com diferentes autores, sociólogos, historiadores, economistas que estão trabalhando no sentido de entender em que consiste a nova sociedade. Essa nova conjuntura resultou inclusive numa emergência de núcleos de poder em escala mundial.

JU — A idéia de superpotência durante muitos anos permeou os estudos internacionais. Entretanto, com o surgimento de novos blocos econômicos, isso se diluiu. Como se reconfiguram as relações de poder nesse contexto de intensas transformações?

Ianni — Vivemos uma época extremamente problemática e ao mesmo tempo fascinante. Estamos encerrando um ciclo da história e entrando em outro. Em que consiste esse novo ciclo ainda é difícil dizer, mas não há dúvida de que ele tem muito pouco a ver com o anterior, na medida em que a derrocada do bloco soviético e portanto a dissolução dos blocos socialista e comunista não resultaram em nenhuma supremacia tranqüila dos Estados Unidos. Ao contrário, o que assistimos é a constatação de que os Estados Unidos não são mais uma superpotência mundial única, que determina as diretrizes da ordem mundial.

JU — Fala-se muito da fragilidade dos Estados Unidos, mas ela é assim tão evidente?

Ianni — Sim, inclusive o paradoxo é que a queda do muro de Berlim, com todas as suas implicações, acabou revelando debilidades no exercício da hegemonia mundial por parte dos Estados Unidos. Os governantes norte-americanos não têm mais condições de exercer a hegemonia mundial. Eles ainda têm o domínio de vários instrumentos. Têm vínculos com a Europa, com o Japão e com diferentes países e continentes. Podem influenciar nas decisões. No entanto, sua capacidade de indicar ou de impor diretrizes aos outros já está bastante reduzida. Tudo indica que essa proeminência continuará a diminuir devido à emergência de outros países fortes como o Japão, a Alemanha e a China, que dentro de alguns anos pode se apresentar como uma nova potência. A Rússia, *stricto sensu*, também voltará ao cenário mundial como uma nação poderosa. Minha pesquisa, e o livro em parte indica isso, vai na seguinte direção: não há dúvida de que as nações poderosas, com seus imperialismos e suas imposições, continuam existindo. Não há dúvida de que está havendo uma ressurgência de movimentos nacionais, étnicos e outros em diferentes partes do mundo. Ocorre, porém, um fenômeno que é bastante forte no mundo contemporâneo: a emergência de uma sociedade com nova configuração mundial, onde os processos, as estruturas que estão se desenvolvendo em escala mundial, se sobrepõem às nações, até mesmo às mais poderosas. Verificamos, na prática, uma redefinição da soberania dos estados nacionais. Eu me pergunto e muitos se perguntam: quem é que governa o México hoje? O governo mexicano, não há dúvida. Mas

não há dúvida também de que o governo mexicano é levado a adotar diretrizes do FMI e do Banco Mundial que correspondem a uma interpretação distinta daquelas que setores sociais nacionais têm da própria realidade mexicana. Na medida em que um governo como o brasileiro encontrar um *modus vivendi* com o FMI, estará buscando adequar-se às diretrizes instituídas pelo FMI, Banco Mundial e outras instituições mundiais que correspondem à dinâmica da sociedade global. Essa ordem política global aparentemente, e às vezes até de fato, está centrada em Washington, Londres, Paris, ou Tóquio. Mas na verdade transcendem esses locais. Por outro lado, o mesmo FMI que impõe ou sugere a países dependentes certas diretrizes econômicas está pressionando o governo norte-americano para que realize um saneamento de suas finanças segundo as diretrizes da economia mundial. Há frequentes manifestações por parte de instituições internacionais como ONU, Unesco, FMI, Banco Mundial, FAO, Gatti e outras que mostram que estão cada vez mais respondendo aos movimentos de uma sociedade mundial e cada vez menos instrumentalizadas por esta ou aquela potência.

JU — O senhor acredita que os dirigentes das nações do Primeiro Mundo ou mesmo das nações dependentes estão percebendo essas transformações e agindo de acordo com elas?

Ianni — Minha impressão é que os dirigentes das nações mais fortes, ao mesmo tempo em que percebem essa mundialização e são obrigados a adequar-se a ela, procuram sacar as vantagens nacionais. Procuram manter sua influência e controle sobre as instituições mundiais ou então agem diretamente junto aos países dependentes para garantir suas posições privilegiadas. Apesar disso, já são obrigados a atender aos movimentos da sociedade global. O primeiro governo Mitterrand tinha uma proposta socialista e nacional. Essa proposta não foi adiada porque Mitterrand precisou levar em conta o que já havia de europeização da economia francesa. Ele não tinha capacidade como governo, aparentemente soberano, de determinar as diretrizes da própria economia francesa. Como a interdependência já era muito grande, foi obrigado a mudar radicalmente sua política econômica e ajustar-se à economia global.

JU — Com a unificação da Europa e a criação de uma moeda européia única, essa interdependência tende a se consolidar?

Ianni — Vai se desenvolver muito mais. A internacionalização da economia francesa é grande, assim como a inglesa e a italiana. Se é verdade que essa internacionalização não é só econômica e financeira, mas também política e cultural, esses países serão cada vez mais obrigados a adotar decisões nacionais tendo em conta o movimento da sociedade global. Aqueles que estão mais interessados em acabar com o segundo poder que existe na Itália — a Máfia — são os europeus e não os italianos. Os italianos convivem tranqüila e gostosamente com a Máfia. Os europeus estão aflitos porque a Itália faz parte do Mercado Comum Europeu e não pode ser uma bagueira controlada ou influenciada pela Máfia. Ela precisa ajustar-se de uma maneira mais eficaz à dinâmica do capitalismo europeu.

JU — Como o senhor vê, nesse contexto, as transformações do leste europeu?

Ianni — O bloco soviético, compreendendo a Europa central e a União Soviética, se desagregou. Começou a passar para a chamada economia de mercado. Está havendo uma progressiva integração dessas sociedades e de suas economias no capitalismo mundial. Seria ilusório imaginar que todas as conquistas sociais realizadas pelos governos socialistas, que foram muitas, vão ser simplesmente abandonadas ou rechaçadas. Na verdade, essas conquistas sociais vão ser mantidas. Mesmo porque os setores sociais nacionais na Rússia, Ucrânia, Geórgia, Lituânia, Estônia e Checoslováquia, vão lutar para manter as conquistas alcançadas, o que aliás já está acontecendo na União Soviética. A desagregação do bloco soviético não implica pura e simplesmente na passagem de uma sociedade socialista, com as limitações que todos sabemos, para uma sociedade de mercado capitalista. As conquistas sociais serão preservadas e vão ser um patamar de organização da nova ordem social nesses países. Os novos regimes terão de levar em conta essas conquistas. Não sabemos se esses novos regimes serão de tipo puro e simplesmente capitalista, no sentido liberal, de tipo social-democrático. Podem também ocorrer, em alguns casos, soluções extremamente reacionárias e autoritárias.

JU — O senhor acredita que existe clima, hoje, para a retomada de soluções autoritárias?

Ianni — Autoritárias não quer dizer stali-

nistas. Podem ocorrer soluções autoritárias de tipo ditadura caudilhesca. Isto porque, em vários casos, são países ou novas repúblicas que não tiveram experiências democráticas anteriores. São países órfãos de organizações partidárias, movimentos sociais, organizações políticas democráticas. Não é de espantar que ocorram, em alguns casos, retrocessos incríveis. Não necessariamente no sentido do stalinismo, mas de tiranias obscurantistas.

JU — Nessa relação de interdependência mundial, como se configuram as posições de países como Cuba e China?

Ianni — Países como China, Coréia do Norte, Vietnã e Cuba não fazem parte do bloco soviético mas estão sendo atingidos pelas transformações, por esse processo que podemos denominar de mundialização. São levados a abrir suas fronteiras para transações, diálogos, reações novas tanto no plano econômico como no político e no cultural. O governo cubano abre o país para novas relações econômicas com diferentes países como México, Brasil, França e assim por diante, com a intenção de dinamizar a sua economia e a vida social para superar as limitações de uma economia fechada, não por sua escolha. O governo cubano está tentando desbloquear a sociedade sem abrir mão de conquistas notáveis do socialismo na educação e na saúde, entre outras. Algo semelhante ocorre na China, no Vietnã e se supõe que esteja ocorrendo na Coréia do Norte. Na China esse processo já está avançado. Lá o governo abriu algumas províncias para projetos de desenvolvimento econômico com ampla participação de empresas estrangeiras japonesas, européias e até norte-americanas. A economia está sendo aberta no sul da China para desenvolvimentos econômicos acelerados em termos de industrialização, de tecnologia, de incorporação e conquistas da economia mundial. O governo chinês está, porém, mantendo ainda um controle bastante rígido do poder político. Aí se coloca um paradoxo. É uma sociedade que no plano econômico se abre bastante, recebendo influxos do que seria um movimento da sociedade mundial e, no plano político, ainda está muito fechada. Com isso a China está plantando uma crise social bastante grave.

JU — Em que medida os meios de comunicação e a informática estariam acelerando esse processo de globalização?

Ianni — A globalização, que para alguns parece uma expressão ainda muito vaga ou problemática, a rigor é muito mais real, efetiva, contínua e recorrente do que se imagina. A informática e a mídia em geral permitem que os indivíduos participem dos acontecimentos em escala mundial de uma forma bastante intensa. Podemos discutir se as informações são boas ou suficientes. Há vários fatos que têm acontecido ultimamente no âmbito da cultura mundial, do jornalismo, da vida intelectual e cultural *latu sensu*, que revelam que isto que nós poderíamos denominar de mundialização é algo muito mais avançado do que costumamos pensar. A literatura que povoa o nosso imaginário é uma literatura universal. Quando lemos Borges, Beckett ou Balzac, estamos pensando na cultura universal. Quando pensamos em Braudel, Robert Skinner e outros, estamos pensando, nos apropriando ou dialogando com autores em diferentes contextos. Quando lemos *Le Monde*, *The New York Times* e *Observer*, estamos participando do mundo. Estamos muito mais inseridos no mundo do que temos consciência. Nem sabemos quanto somos parte do mundo, ou seja, nem sabemos que já somos cidadãos do mundo. Esse é o problema. O que é mais importante para nós? Ser membros de uma sociedade nacional ou de uma sociedade global? Não sei e não acho que seja fácil responder. Os indivíduos fazem parte de uma sociedade nacional, têm o seu RG (registro geral de identidade), a sua carteira de trabalho, seu emprego, usa um certo idioma, uma certa moeda. Não é verdade, no entanto, que todos os fatos que ocorrem no mundo da sociedade nacional são decisivos na vida dos indivíduos. Muitas vezes há fatos que ocorrem em outros países, no outro lado do mundo, que são mais importantes do que aqueles que ocorrem dentro da própria nação. Quando se trata de política, quando se realiza uma reunião do Grupo dos Sete, ocorra ela em Londres ou em qualquer outro lugar, pode ser muito mais decisiva para os indivíduos da Índia, do Brasil, do México, dos Estados Unidos, do que outro fato que esteja ocorrendo dentro dos países. Mais do que isso. Muitos de nós temos ou pensamos em línguas estrangeiras ou somos influenciados por aqueles que têm e pensam em línguas estrangeiras. Em vários níveis a sociedade civil global que está se desenvolvendo já conta com um elemento decisivo que é o fato de que muitos já são cidadãos do mundo. Cidadão em termos, porque tudo isso ainda está começando a ser codificado. O direito internacional começa a se preocupar com o fa-



Para Ianni, a nação é um processo histórico que se cria e se

"As elites brasileiras perderam o sentido da história e estão atônitas em face dos movimentos da sociedade mundial."



"U... tu... que existia..."

vio Ianni

sa o cidadão do mundo

to de que o movimento ecológico, a luta contra certas doenças e outros temas importantes fazem com que a identificação de cidadãos de diferentes países transcendam as fronteiras.

JU — Essa dupla ação do indivíduo favorece a sua fragmentação? Como fica a questão da identidade, do referencial individual?

Ianni — Ainda somos muito prisioneiros da província. Província no sentido de uma região muito particular de um país ou às vezes do próprio país. Imaginamos que a identidade das pessoas está definida por uma certa bandeira, um certo hino, idioma ou uma certa história. Imaginamos que é começo e fim do mundo, que sem isso não é possível viver. Isso é um equívoco. Na verdade é possível ser gente, e gente muito feliz, sendo cidadão do mundo, participando de outras identidades, de outros horizontes.

JU — Caminhamos então para múltiplas identidades?

Ianni — Claro. Os indivíduos podem ser simultaneamente membros de uma família, de uma comunidade local. Podem estar situados no âmbito da economia em termos de emprego, de compromisso político, de partido, de sindicato, de Igreja, e ao mesmo tempo ser partícipes de uma cultura universal que envolve a mídia eletrônica, a imprensa, o diálogo com correntes de pensamento ou modismos, seja da música, do teatro ou do cinema. Essa multiplicidade e diversidade de vínculos e de articulações, que em alguns casos pode representar uma fragmentação, propicia, ao mesmo tempo, um horizonte muito mais fecundo e aberto. Se é verdade que há uma sociedade mundial em emergência e essa sociedade envolve novas possibilidades de cidadania, estamos então no limiar de um novo tipo de gente.

JU — Conceitos como imperialismo, comunismo e nacionalismo terão de ser redefinidos?

Ianni — Tudo isso começa a ganhar outro sentido. Que a atuação de nações dominantes em termos imperialistas continua a ocorrer, não há dúvida. Que o nacionalismo é uma realidade, não se discute. Que a sensação de identidade que os croatas podem ter, os eslovanos, os checos, os bascos e os catalães, tudo é muito real. Só que isso não é o fim do mundo. Ao contrário, é apenas uma dimensão da vida social. É uma dimensão menor. Ainda que as pessoas não se dêem conta, na verdade há dimensões mais fundamentais na constituição dos indivíduos e das sociedades que podem envolver a sociedade global.

JU — Mas os valores nacionais foram inculcados no homem de séculos. Como será possível se desvincular deles?

Ianni — Cabe aí um esclarecimento. A nação é um processo histórico que se cria e se recria ao longo do tempo. Não é um fato definitivo, pronto, acabado. A França não existiu sempre. Ela se formou num certo momento, pela reunião de algumas províncias, alguns feudos, alguns regíões. O mesmo é verdade para a Alemanha, a Itália, a Inglaterra, o Brasil, o México e os Estados Unidos. Essas nações são novidades históricas e, portanto, transitórias. Os grupos dominantes dessas nações se empenham em educar e reeducar todo o tempo os diferentes povos para criar nessas populações a ilusão de que a nação é o começo e o fim do mundo. Daí o símbolo da bandeira, do hino, dos heróis, dos santos, dos monumentos, como se isso fosse começo e fim do mundo. Tudo isso é histórico, transitório, episódico. Até mesmo nas nações mais antigas como a Espanha, a Itália, a França, a Inglaterra, a Alemanha, existem provincialismos e dissidências muito fortes. Setores que, por características étnicas, culturais, religiosas, lingüísticas ou outras se consideram com uma identidade própria e se opõem a certas decisões do Estado nacional. Tudo isso demonstra que a nação é um fato da história, um processo histórico que é extremamente movido e dinâmico.

JU — E o nosso Brasil?

Ianni — Não é forçado dizer que o Brasil como nação já foi monárquico e tinha uma cara, depois ficou republicano e ganhou outra cara. Em seguida virou populista e agora, nem se sabe muito bem o que é. O Brasil não tem cara. As elites perderam o sentido da história e estão atônitas em face dos movimentos da sociedade mundial. Há sociedades, e o Brasil é um caso muito típico, nas quais os setores dominantes estão atônitos com relação à direção a ser adotada para organizar a sociedade nacional. Há um projeto nacional que está defuso e que é evidentemente anacrônico. Há um projeto internacionalista que está se configurando,

mas são poucos aqueles que assumem esse projeto de uma maneira ostensiva. Há um projeto socialista incipiente, pouco elaborado, mas que faz parte do contexto. Então, é uma sociedade que tateia entre várias direções e não encontra uma direção nítida, articulada que permita apresentar ao conjunto da sociedade uma proposta nacional. É como se o país tivesse perdido o norte.

JU — Como o senhor analisaria essa espécie de desfiguramento do Brasil?

Ianni — Essa sensação de que o país perdeu o norte é algo que expressa um fenômeno muito mais profundo. A rigor os projetos de desenvolvimento que a sociedade brasileira tem formulado nas últimas décadas entraram num impasse. O projeto nacionalista vive um impasse, uma situação muito difícil, não só por causa da crise mundial mas também porque as correntes de esquerda no Brasil estão divididas e não encontram uma base comum. Ao mesmo tempo, o projeto internacionalista não encontrou a unanimidade indispensável para que se tornasse vigente. Os governos são erráticos. Adotam medidas sugeridas por certos grupos internacionais e, ao mesmo tempo, procuram atender a interesses oligárquicos regionais que são totalmente contraditórios.

JU — Como será possível sobreviver, nesse caso, como nação?

Ianni — A nação, a rigor está em causa. Na medida em que não há nenhum partido, grupo, nenhuma proposta hegemônica, os diferentes setores sociais ficam ou atônitos ou buscando outras alternativas. Nesse contexto, e nação se é que podemos falar em nação, está esgarçada. Vive um momento não só de atonia mas de desagregação.

JU — O senhor vê alguma possibilidade de formação de um governo de coalizão para soerguer a nação brasileira?

Ianni — Não sei se um governo de coalizão é possível nessa conjuntura. Estamos nos defrontando com uma crise de hegemonia. É uma crise de dirigência. Não se sabe quem manda, quem organiza, quem estabelece as diretrizes. A credibilidade daqueles que têm o monopólio da voz do poder é muito reduzida ou nula.

JU — A Eco-92, mostrou que a interdependência mundial é cada vez maior. Por outro lado, apontou também as dificuldades de soluções conjuntas para problemas comuns.

Ianni — A interdependência e as injunções em escala mundial são tão fortes que parece cada vez mais difícil que diferentes nações venham a adotar projetos que respondam de modo exclusivo aos interesses dos setores nacionais. Os projetos não podem deixar de levar em conta aquilo que são as injunções de escala mundial, inclusive as possibilidades que se abrem em termos de negociações. Um governo como o mexicano pode, eventualmente, chegar à conclusão de que é mais vantajoso negociar com capitais europeus e japoneses para reduzir ou contrabalançar a importância do capital norte-americano na economia do país. O nacionalismo porque vive uma época extremamente crítica porque as condições para a definição de uma soberania nacional estão bastante reduzidas. Os projetos socialistas de cunho estritamente nacional também precisam levar em conta as injunções da sociedade global, não só da economia, mas também das relações internacionais no plano político e cultural.

JU — Qual o papel da mídia e da técnica no contexto das novas transformações?

Ianni — O desenvolvimento da economia e o uso cada vez mais sistemático, abrangente e massivo da tecnologia está propiciando uma espécie de aceleração das relações sociais *latu sensu* econômicas e políticas. O que se nota é que setores da sociedade, tanto em nível nacional quanto internacional, estão se desenvolvendo mais rápido do que outros. Esse é um fenômeno que sempre existiu mas agora parece ganhar proporções maiores. Os países do Terceiro Mundo ficaram mais atrasados nas últimas décadas em face dos países mais avançados, que se desenvolveram num ritmo acelerado em termos de economia, de vida política, de tecnologia, bem-estar etc. A distância entre eles, portanto, cresceu. Esse desentendimento, ao mesmo tempo, uma fonte de tensões, de impasses e seguramente vai germinar novas propostas de soluções dos problemas, tanto no nível nacional quanto internacional. Daí porque a ONU, por exemplo, está sendo repensada para que venha a assumir responsabilidades crescentes em face das desigualdades que se acentuam em escala mundial.

JU — Estaríamos então encerrando um ciclo histórico e começando outro?

Ianni — Estamos nitidamente no limiar de uma nova época da história. Uma nova época não significa, porém, que tudo acabou. Mas que tudo o que estava antes vai ser repensado e se desenvolver a partir desse novo patamar que é uma sociedade global. Eu não diria que a sociedade global está resolvendo os problemas. A sociedade global é um novo patamar das lutas sociais, da história, da reforma e da revolução. Estou convencido de que as novas propostas de revolução vão surgir nos países desenvolvidos. Esses países se defrontam com o problema das transformações sociais devido às tensões que neles se desenvolvem. O quebra-quebra de Los Angeles é uma expressão indiscutível da questão social dentro dos Estados Unidos. Os americanos têm que resolver esse problema. Ou se resolve pela reforma ou pela revolução. O assunto não será esquecido. As lutas sociais e raciais que estão ocorrendo na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália e na Espanha são expressões das questões sociais nos países desenvolvidos, que terão de lidar com esses problemas. Não há outra saída. A revolução, não sei qual é. Digo revolução em termos de transformações estruturais. O que ficou evidente é que a sociedade americana não é capaz de contemplar a questão social que existe dentro dos Estados Unidos. Os quebra-quebras das populações negras, porto-riquenhas, asiáticas e latino-americanas são fruto das questões sociais existentes nos países dominantes, em que os Estados Unidos são um caso particular.

JU — Como se dariam essas transformações nos países dominados?

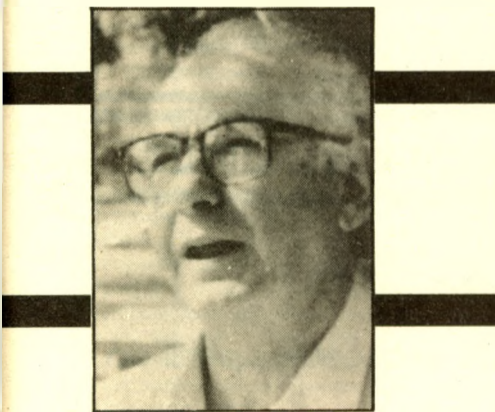
Ianni — Evidentemente, nos países dominados a questão social continua grave e é um fermento muito sério. As lutas sociais vão continuar. Foi ilusão momentânea pensar que, com a queda do bloco soviético e os impasses que o socialismo estava enfrentando, a idéia da revolução e de transformações estruturais na história das sociedades estava abandonada. Isso foi uma ilusão quimérica e passageira. Os desenvolvimentos da sociedade global, a meu ver, repõem o movimento da história, repõem os processos de integração e ao mesmo tempo de antagonismo, das contradições sociais. Acho válido dizer que as propostas, as lutas por reformas e revoluções vão ressurgir agora num outro patamar.

JU — Nesse caso, o que a globalização tem de fascinante tem também de preocupante...

Ianni — Não há dúvida de que algumas instituições que atuam em escala mundial vão tratar sempre de apagar, de encobrir, de controlar as tensões sociais. Mas também é verdade que, pelo jogo das imagens. Não adianta alguns setores da mídia fazerem de conta que tudo corre bem, quando a realidade não é essa. Fazer de conta que tudo corre bem pode enganar durante algum tempo mas não eternamente, além de não resolver os problemas. Nos Estados Unidos, as tensões sociais estão se agravando devido aos movimentos da economia mundial. Algo semelhante ocorre na Inglaterra, na França, na Itália, assim como em países dependentes. É válido imaginar, sem querer fazer prognósticos, que a emergência de uma realidade social nova em escala mundial, não significa que os problemas estão sendo resolvidos, mas que estão sendo lançados e recriados num outro horizonte. Nesse sentido é que digo que estamos no limiar de uma nova época histórica. Até ontem se imaginava que o dilema da revolução, das lutas sociais, dos conflitos, eram dilemas dos países do Terceiro Mundo. Hoje já está evidente que esses dilemas são também dos países dominantes. E, se é verdade que está acontecendo isso, como os fatos indicam, não há dúvida de que vamos entrar em outro ciclo da história, em que as lutas sociais nos países dominantes vão ser fundamentais para compreendermos o que consiste de emancipação global. Algumas das perspectivas de emancipação dos povos do Terceiro Mundo começam a ser recolocadas a partir das lutas sociais verificadas nos países dominantes. Não nos esqueçamos de que muitos trabalhadores na Europa são oriundos de países árabes, latino-americanos, asiáticos, paquistaneses, indianos etc. É um povo universal que participa simultaneamente de vários contextos sociais. Não há dúvida de que está ocorrendo uma espécie de globalização das conquistas sociais tanto no plano da economia, da política, da cultura, e das lutas sociais, como no plano da busca de alternativas para a resolução dos problemas dos indivíduos em escala regional, nacional e mundial. (G.C.)



ria ao longo do tempo (no destaque, seu novo livro).



na nova época não significa que acabou, mas sim que tudo o que estava antes de se desenvolver a partir de um novo patamar”.

Abaixo da camada de ozônio

Documento inclui pobreza entre as grandes questões sócio-ambientais.

Com a preocupação de enfatizar os reais problemas sócio-ambientais brasileiros — a questão das políticas de meio-ambiente e suas implicações para o desenvolvimento social e econômico do país —, o grupo de trabalho "Ecologia, Política e Sociedade", formado por pesquisadores da Unicamp e pertencente à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), acaba de publicar um livro sobre o assunto. "Os grandes debates envolvendo temas ecológicos abordavam apenas questões globais, como o desmatamento ou o buraco na camada de ozônio, que, embora importantes, interessam mais aos países desenvolvidos. Como pretender que as populações do Terceiro Mundo, cuja maioria vive em condições miseráveis, entendam o impacto da degradação ambiental?", pergunta o sociólogo e demógrafo Daniel Hogan, um dos organizadores do livro *Dilemas Sócio-Ambientais e Desenvolvimento Sustentável*, recentemente lançado pela Editora da Unicamp.

Para os membros da Anpocs, que vêm se reunindo há seis anos, não é possível compreender o problema ambiental sem mencionar a questão da pobreza. Por isso decidiram organizar um livro como contribuição mais efetiva à Eco-92. Nele abordam o processo de industrialização e urbanização desencadeado no Brasil pós-64, para eles "extremamente predatório". "A degradação dos recursos naturais ocorreu em função desse estilo de desenvolvimento", afirma Leila da Costa Ferreira, ecóloga e socióloga do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) e co-autora de um dos capítulos. O eixo do livro é a busca de novos estilos que estão intrinsecamente ligados à questão da democratização do processo, segundo seus



Hogan e Leila: por um novo estilo de desenvolvimento

idealizadores. O consenso entre ambientalistas e cientistas sociais passa, por exemplo, pelas políticas ambientais, energéticas e populacionais.

Os movimentos sociais devem ser incorporados em todos os processos de formulação e legislação dessas políticas, criando-se, assim, novos mecanismos que traduzam os anseios da população. O capítulo "Limites ecossistêmicos: novos dilemas e desafios para o Estado e para a sociedade" mostra que as organizações não-governamentais e os grupos comunitários dedicados à proteção ambiental são parte de um movimento mais amplo que inclui setores do empresariado, grupos e instituições científicas, setores da estrutura estatal e agências intergovernamentais orientadas para a sustentabilidade do planeta.

"Quando se pensa nas possibilidades de um novo estilo de desenvolvimento, isso implicaria reconhecer que o Estado desempenha papel indispensável como indutor e gerenciador de uma parte dessas transformações. No entanto, essa gestão corretiva não é satisfatória porque a questão ambiental é indissociável da pauta de prioridades dos programas de desenvolvimento. Esse tipo de gestão teria que ser compartilhado entre o Estado, a sociedade civil, o setor privado e as comunidades locais", afirmam os autores, lembrando ainda que a busca de estilos de desenvolvimento não-tradicional só poderia ser alcançada através da democracia participativa.

Miopia — Em outro capítulo, o economista e demógrafo Haroldo da Gama Tor-

res alerta para a inversão de valores nos debates sobre meio-ambiente. "A discussão desses temas no Brasil é vítima de um exílio: a preocupação quase exclusiva de alguns cientistas e da mídia com a preservação de bombas selvagens esconde muitas vezes a bomba de esgoto e lixo que as cidades vão, silenciosamente, explodindo", diz. O autor lembra, contudo, que essa miopia não é exclusiva do Brasil e que a questão sanitária das cidades do Terceiro Mundo fica à margem das principais agendas ambientais internacionais. "Esgoto a céu aberto, poluição da água e sua utilização, favelização e formação de cortiços, aterros clandestinos, ocupação de encostas, enchentes etc são verificados em cidades como Cairo, Cidade do México, Calcutá, Lagos, São Paulo e dezenas de outros municípios brasileiros e latino-americanos".

Daniel Hogan escreve em seu capítulo "Migração, ambiente e saúde nas cidades brasileiras" que a corrida entre população e recursos é assunto obrigatório no debate ambiental, com ênfase para a relação população/meio ambiente, para ele "muito mais complexa do que a simples questão de números". Segundo o sociólogo e demógrafo da Unicamp, esse vínculo deve ser procurado no nível dos componentes de crescimento demográfico, que são os processos de fecundidade, mortalidade e migração. "Os problemas ambientais de grandes metrópoles, por exemplo, não podem ser entendidos nem resolvidos se restringimos a análise demográfica às consequências de taxas de crescimento. Se fossem assim, Rio de Janeiro e São Paulo estariam apresentando melhorias ambientais na medida em que suas taxas de fecundidade total chegam ao nível da reposição. Qualidade de ar e de água, espaço verde per capita, qualidade de moradia, poluição sonora e padrões nutricionais não têm mostrado melhoria nos 15 anos de declínio da taxa de fecundidade no país", exemplifica Hogan, que também responde pela coordenação do Nepam. (L.C.V.)

Alliance Française

OFERECE:

- CURSOS INDIVIDUAIS
- CURSOS REGULARES
- CURSOS INTENSIVOS
- FRANCÊS INSTRUMENTAL
- TRADUÇÃO

MATRÍCULAS ABERTAS PARA TURMAS DE SETEMBRO

INFORME-SE
F: 31-4090/32-6247

R. JOSÉ THEODORO DE LIMA, 66
CAMBUI - CAMPINAS

NÃO PERCA TEMPO,
NEM DINHEIRO...

"FAÇA AGORA
O QUE VOCÊ
PODE PRECISAR
AMANHÃ !"

GANHE 15% DE DESCONTO
APRESENTANDO ESTE ANÚNCIO

Guatã - People

EUROPA - TARIFAS ESPECIAIS

VOANDO LUFTHANSA - VASP

A PARTIR DE US\$ 1.000

**TEMOS PREÇO GARANTIDO PARA QUALQUER
PARTE DO BRASIL ATÉ DEZEMBRO DE 92**

OKTOBERFEST - OUTUBRO

GARANTA SEU LUGAR !

SAÍDA: BARÃO E CAMPINAS

CONSULTE - NOS !!!



BALI TUR VIAGENS E TURISMO

R. HORÁCIO LEONARDI, 92 - GALERIA NAHAS - LOJA 9 - BARÃO GERALDO

TELE-FAX (0192) 39-2248 - FONE: 39-1504 - CAMPINAS - S.P.

Pharmácia Magistral

HOMEOPATIA E LABORATÓRIO DE MANIPULAÇÃO



**HOMEOPATIA
MANIPULAÇÃO DE FÓRMULA
FLORAIS DE BACH
FLORAIS CALIFORNIANOS**

convênio.

ASSUC
ADUNICAMP
TELEBRÁS
RHODIA

Farmacêutica Homeopata:
Denise Derly Saburi
CRF 8.11.888

AV. SANTA IZABEL, 154 - Barão Geraldo FONE: 39-2319

SUPERMERCADO PQ. DOS EUCALIPTOS

Mantemos convênio com o S.A.S. para:

- Prazo permanente de 30 dias no cheque a partir da data da compra
- Aceitamos tickets e cartões de crédito sem acréscimo no preço das mercadorias (exceto bebidas)

Convênio extensivo a alunos e docentes da UNICAMP

Rua Pelicano nº 565 - Jd. Londres - Campinas-SP

Fone: 47-6515

Unicamp testa lâmpada econômica

Produto oferece uma economia comprovada de até 60%.



Jannuzzi: "Lâmpadas fluorescentes são um bom negócio".

A tarifa de energia elétrica brasileira é uma das mais baratas do mundo. Uma das razões é que ao pagar a conta de luz o consumidor não cobre o custo de produção e distribuição do quilowatt/hora. O subsídio por parte do governo faz com que o setor seja provido de tecnologia ultrapassada. Os recursos não são suficientes para a sua expansão e preservação.

Apesar do baixo custo da tarifa e dos parcos investimentos no setor, ainda ocorrem, isoladamente, esporádicos avanços tecnológicos. Como a Arolux, lâmpada de baixo consumo produzida pela Lupaquai, indústria de lâmpadas e componentes eletrônicos de Campinas. O novo produto está sendo testado por pesquisadores do Departamento de Energia da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) da Unicamp, em conjunto com a Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) em projeto de conservação de energia. Segundo o coordenador do projeto, professor Gilberto Jannuzzi, do Departamento de Energia da FEM, a lâmpada fluorescente apresenta

uma série de vantagens em relação à tradicional incandescente.

Entre essas vantagens, destacam-se a potência de 22 watts, que responde a uma lâmpada incandescente de 60 watts em capacidade de iluminação e a duração de cinco mil horas de uso contra mil horas de uso da comum, o que proporciona economia comprovada de 60%. O novo produto, entretanto, esbarra num fator significativo: o preço. A lâmpada fluorescente — no mercado desde 1991 — sai até

oito vezes mais cara que a convencional.

De acordo com o pesquisador, há razões que podem justificar esse preço elevado. "Sem encontrar produto novo no mercado, ainda não há escala razoável de produção, de forma a torná-lo mais barato ao consumidor. Uma alternativa para baratear o produto, segundo Jannuzzi, é estabelecer a criação de programas para ampliar o uso de lâmpadas mais econômicas. "O objetivo é mostrar às empresas de ele-

tricidade que é bom negócio produzir em escala industrial as lâmpadas fluorescentes, de forma a torná-las mais acessíveis ao público".

"O que propomos com esse projeto-piloto é que as próprias companhias de energia invistam em programas de substituição tecnológica de alternativas viáveis e economicamente atraentes para elas, como ocorre nos Estados Unidos e Europa", explica Jannuzzi.

Sorteio — No último dia 14 de julho, 400 consumidores residentes no município de Cosmópolis receberam gratuitamente da Lupaquai 400 lâmpadas fluorescentes. A finalidade é avaliar a durabilidade, o consumo e a aceitação do consumidor, além de estabelecer metodologia para agenciar programas de distribuição em escalas maiores. Esses programas, segundo previsões de Jannuzzi, deverão significar um lucro para a CPFL de seis centavos de dólar para cada quilowatt-hora não consumido.

Os 400 consumidores de Cosmópolis que participam do projeto experimental foram escolhidos através de amostra elaborada pela professora Cecília Wada, do Laboratório de Estatística do Instituto de Matemática, Estatística e Ciências da Computação (Imecc) da Unicamp. Para participar do programa,

o usuário assinou termo que estabelece as condições para o devido uso da lâmpada. Uma das principais condições é que a lâmpada seja instalada na cozinha (geralmente de iluminação no horário de pico, no final da tarde). Através de questionários e visitas periódicas, pesquisadores da Unicamp irão monitorar a variação no consumo de energia nessas residências por um período de nove meses.

O pesquisador da Unicamp explica que para esse trabalho está sendo usada a lâmpada fluorescente do tipo circular — por ser adaptável ao bocal usado para as lâmpadas tradicionais. O projeto tornou-se possível a partir da doação das lâmpadas fluorescentes pela empresa fabricante. A Unicamp fica responsável pela coordenação, junto com a CPFL, treinamento dos funcionários, da pesquisa aplicada, pelos relatórios técnicos e pela avaliação final de uma eventual expansão do programa com a finalidade de atingir maior número de consumidores, "que pode chegar a aproximadamente 20 mil residências", conforme observa o pesquisador. Cabe ainda a CPFL o trabalho operacional da instalação das lâmpadas e dos medidores especiais de consumo de energia. (A.R.F.)

Nepa desenvolve hidrolisado protéico

Novo produto custa 1/4 do preço do similar importado.



Flávia (à dir.) e Maria Antônia, sua orientadora.

O desenvolvimento de produtos alimentares de alcance social, a difusão de tecnologias para pequenas e médias empresas ou até mesmo a controvertida cesta básica dos brasileiros compõem, desde 1984, a lista das investigações sócio-econômicas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação (Nepa) da Unicamp. A problemática da alimentação como linha mestra dos trabalhos atraiu para esse núcleo a atenção de especialistas da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), que em conjunto com pesquisadores da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) pretendem utilizar, na recuperação de pacientes do Hospital de Clínicas da Universidade, hidrolisados protéicos formulados no Nepa. Afinal, os trabalhos sobre a modificação de proteínas resultaram não apenas em várias desdobramentos como também em um produto desidratado em fase de repasse à indústria.

A responsável pelo desenvolvimento do produto em pó é a engenheira de alimentos Flávia Maria Netto. A pesquisadora levou quatro anos pa-

ra elaborar a fórmula como parte de seu trabalho de doutorado, desenvolvido junto ao Departamento de Planejamento Alimentar e Nutrição da FEA. O hidrolisado protéico, já disponível e com boas perspectivas para utilização, inicialmente será administrado em pacientes assistidos por especialistas do Departamento de Clínica Médica da FCM, sob a responsabilidade da professora Elza Cotrim Soares. O hidrolisado protéico deve ser misturado a outros nutrientes ca-

lóricos — carboidratos, lipídios, minerais e vitaminas —, e aplicado através de sondas naso-gástricas.

Pré-digerida — O produto à base de soja pode ser prescrito aos portadores de problemas digestivos ou de má absorção de proteínas, apresentando boa vantagem em relação aos outros medicamentos: possui uma proteína quebrada por ação enzimática e assim pode ser melhor absorvido do que a proteína integral, utilizada nos

hospitais. Flávia explica que essa vantagem se dá porque a proteína quebrada é pré-digerida. Como consequência, dispensa a atuação do organismo, oferecendo melhor recuperação ao paciente, já que também diminui o tempo de internação. Essa constatação foi observada ainda em fase laboratorial, como conta a pesquisadora. "Os experimentos com ratos indicaram que o produto acelera a recuperação do peso corporal em animais desnutridos".

Estudos realizados pelo Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital) de Campinas demonstram que 60% dos hospitais não utilizam hidrolisados protéicos em seus pacientes devido ao custo do tratamento. Em contrapartida, 67% dos locais pesquisados mostraram-se favoráveis à introdução de formulados contendo hidrolisados. Segundo Flávia, o mercado oferece produtos importados, embalados no Brasil, cujo tratamento tem um custo aproximado de US\$ 40 por dia — e correspondem a 2.000 calorias. Em média, calculam os pesquisadores, a recuperação de um indivíduo com o produto importado custa de US\$ 500 a US\$ 1.000, valor que pode ser reduzido para 1/4 com o alimento nacional. No fator preço, considera-se ainda que o quilo do isolado protéico de soja, adquirido por 3 dólares é disponível no Brasil e está entre os itens de exportação.

Tecnologia própria — Para obter o hidrolisado protéico de soja a Unicamp desenvolve tecnologia própria. O isolado protéico é colocado em contato com enzimas digestivas, por um período de tempo adequado, e sob incubação são produzidos os hidrolisados. Durante o processo houve uma etapa em que se constatou a presença de sais, elementos inconvenientes para o tipo de alimentação à qual o produto se destina. O processo foi aprimorado até que os índices alcançados não fossem prejudiciais ao tratamento. No momento, o Nepa busca encontrar alguma indústria interessada em desenvolver trabalho conjunto.

Orientada pela professora Maria Antonia Galeazzi, a pesquisa de doutorado — denominada "Produção e caracterização de hidrolisado pancreático de isolado protéico de soja" — será apresentada ainda este mês. A orientadora, que também responde pela coordenação do núcleo, diz que entre as pesquisas sobre modificação de proteínas há trabalhos cuja linha é inédita no Brasil. Por exemplo, de produção de plasteína — proteína produzida por enzima que tem peso molecular menor do que a matéria-prima original, e que está sendo investigada para o tratamento de crianças portadoras de alergenidade a proteínas. (C.P.)

FISK

INGLÊS

GARANTE O SEU PASSAPORTE PARA O MESTRADO E DOUTORADO NOS E.U.A.

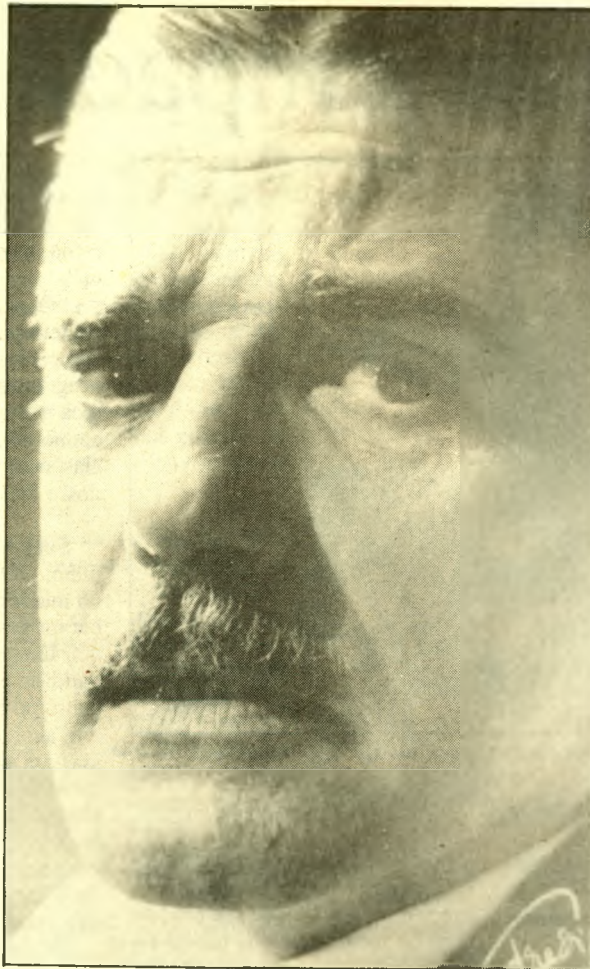
A ESCOLA FISK PREPARA VOCÊ PARA O EXAME TOEFL.

- ⇒ Professores especializados
- ⇒ Material importado fornecido pela escola
- ⇒ Preços especiais para Universitários
- ⇒ Grupos reduzidos
- ⇒ Vagas limitadas, garanta a sua!

R. Coronel Quirino, 1111 - Cambui
FONE: 52-2001
R. Oliveira Cardoso, 215 - Castelo
FONE: 42-0797



Dercy Gonçalves em Dona Violante Mirante.



Abílio Pereira: rebeldia e tragicomédia.



Gisela: pesquisas no acervo do Cedae.

Memória do TBC chega à Unicamp

**São documentos
que pertenceram
ao dramaturgo
Abílio de Almeida.**

Valiosa parte do material que constituiu a vida do primeiro teatro profissional do país, o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), e da Companhia Cinematográfica Vera Cruz encontra-se hoje no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedae) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Entre textos originais de obras, peças inéditas, revistas especializadas, programas teatrais, fotografias e cartazes de divulgação, convites, depoimentos e artigos publicados em jornais paulistas, ao todo são 82 documentos da coleção Abílio Pereira de Almeida — escritor, ator, diretor e produtor de teatro, cinema, TV e também jornalista e advogado, que legou à cultura nacional 19 peças teatrais e 25 filmes, entre as décadas de 40 e 70.

O acervo foi doado pela família do dramaturgo, que também pretende confiar ao Cedae cópias dos filmes da Vera Cruz de que ele participou — dirigiu o filme que lançou Mazzaropi no cinema (*Sai da Frente*, 1950) e fez o ar-

gumento da primeira produção da Vera Cruz (*Terra é Sempre Terra*, 1952). Mais do que uma homenagem dos filhos e da viúva de Abílio, a iniciativa tem uma razão especial: o arquivo particular dele está hoje ao lado do material que pertenceu ao escritor Oswald de Andrade e também do ensaísta Alexandre Eulálio, servindo como fonte para pesquisas acadêmicas.

Foi através desse material que o professor Antonio Arnoni Prado, do Departamento de Teoria Literária do IEL, realizou uma pesquisa comparando a presença da burguesia paulista no teatro de Abílio Pereira com o trabalho de Jorge Andrade, contemporâneo de Abílio, que retratava nas peças a decadência da aristocracia rural paulista. Outra pesquisa agora vem sendo feita pela mestrande Gisele Ursini Finardi, que sob a orientação de Arnoni analisa a dramaturgia de Abílio, caracterizada pela revolução dos costumes e sua liberalidade, o interesse pelo dinheiro e a desagregação da família. Um dos trabalhos mais importantes dele, *Moral em Concordata* (1956), tem como tema central o desentendimento familiar.

Ironizando a burguesia — Nascido na segunda-feira do Carnaval de 1906, Abílio Pereira de Almeida dizia pertencer ao ramo pobre de uma família rica. Para ele, no entanto, "a classificação de paulista de 400 anos é uma

blague, mesmo porque a minha árvore genealógica tem seu tronco num cidadão português que, em Itu, no ano de 1798, casou-se com a filha do capitão-mor daquela cidade. O galardão histórico da família está no meu avô materno, Antônio Alves Pereira de Almeida, que participou da convenção republicana de Itu e seu retrato está lá, na Galeria dos Convencionais", declarou em entrevista no ano de 1975, dois anos antes de suicidar-se.

A rebeldia era um traço marcante do dramaturgo, como constata Gisele Ursini Finardi através dos trabalhos deixados por ele. Há um ano e meio ela pesquisa a coleção doada ao Cedae, especificamente o período que compreende as décadas de 40 e 70, com o objetivo de resgatar a memória de Abílio enquanto escritor de textos teatrais. "Ele gostava de comédias, embora tenha escrito tragicomédia ao estilo de Nelson Rodrigues. O riso que se tem ao entrar em contato com a obra é de ironia: as situações envolvem o poder financeiro, adultério, sexo nas classes média e alta. Ele sempre brincava muito com a alta burguesia paulista e a moralidade", descreve Gisele.

Tema recorrente — Muitas das peças de Abílio escritas para o teatro foram adaptadas para o cinema e até para a televisão (*Santa Marta Fabril*, pela Rede Manchete, 1986). Suas obras

foram encenadas em Portugal, Uruguaí e Argentina. Os melhores textos, no entanto, tinham endereço certo: o TBC. A pós-graduanda afirma que a coleção doada é muito rica não apenas para trabalhos literários, como também para pesquisas sobre cinema, interpretação e outros aspectos das artes cênicas. "Pelo que pude observar até agora, a comicidade de Abílio não está no tema que ele escolhia para as peças. Mostrar o ridículo da classe alta era um tema recorrente dele. A graça do texto está no diálogo, na naturalidade com que ele trabalhava a linguagem", avalia Gisele.

Embora em seus trabalhos o dramaturgo ridicularizasse a burguesia, era a classe alta que freqüentava o teatro de Abílio Pereira. "As pessoas se viam retratadas no palco e achavam engraçado. O humor dele era sarcástico: os espectadores riam e se negavam a identificar-se", diz a mestrande. Muito pouca coisa sobre trabalho do dramaturgo foi escrita ou publicada. Gisele pretende ainda pesquisar até que ponto Abílio foi talentoso para, através de sua literatura, passar a mensagem para o público. "Teatro não é só texto: há também o cenário e o figurino influenciando o sucesso das peças. Observo que o valor literário dele é evidente e, apesar de não ser nada agradável para quem freqüentava o seu teatro, o mérito de Abílio era conseguir passar o recado", conclui a aluna. (C.P.)

Da velha arte de educar os sentimentos

**É o que propõe
o filósofo Regis
de Moraes em seu
mais recente livro.**

Arte educa os sentimentos e faz emergir para a consciência um mundo de emoções desconhecidas que existe dentro de cada ser. Além da estética, o constante processo de despertar fantasmas interiores é um efeito da arte que deveria ser explorado nas escolas, pois a impressão artística mostra-se como poderoso veículo educativo. Esta é a convicção do professor João Francisco Regis de Moraes, pesquisador da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp na área de filosofia da educação e autor de mais de 20 livros. No mais recente, *Estudos de Filosofia da Cultura*, ele aborda o conforto que, por soltar a criatividade, se entrelaça com a arte educadora de sentimentos.

Regis de Moraes defende que ao observar obras como "Guernica", de Pablo Picasso, ou "Girassóis", de Vincent van Gogh, o apreciador capta as emoções do criador e pode liberar novas impressões. "As artes dão forma às experiências interiores", afirma a filósofa norte-americana Suzanne Langer. Acerca disso Regis de Moraes, em seu livro *Arte — A Educação do Sentimento* (Editora Letras & Letras), acrescenta que "para nossa surpresa, no fundo da consciência da realidade subjetiva, vamos encontrar o universal". Ele se refere ao substrato humano que vibra com os desejos e ansiedades dos semelhantes.



Regis de Moraes: da educação à criação.

Ele explica ainda que interioridade e exterioridade, consciência individual e consciência coletiva, são pólos de uma dialética humana que se equilibram e se apoiam mutuamente, como oposições dinâmicas que sustentam o ser humano. Para ele a arte-educação — abordada por autores brasileiros como João Francisco Duarte Júnior, Ana Mai Barbosa ou Ferreira Gullar

—, mediante impressões estéticas, mobiliza aquilo que a lógica não consegue movimentar.

"Passa-me o tempo e cada vez mais e mais me convenço de que o ser humano se faz mais e mais humano segundo conjuga os seus recursos de sensibilidade e inteligência", revela o educador. As escolas, sustenta Regis de Moraes, insistem em ensinar, antes de provocar nos alunos o desejo de aprender. "Teimam em apresentar as exterioridades do conhecimento, transformando a aventura da conquista do saber em um mercado de compra e venda".

As escolas, na ótica do pesquisador, assentam os estudantes em carteiras e os convida a se imaginarem como se fossem uma cabeça numa bandeja: só pensamento discernidor e acumulativo. "A arte se faz presente nas escolas de forma marginal e insignificante", lamenta o educador.

O potencial artístico, inerente ao homem, é capaz de melhorar até mesmo o aprendizado da matemática, garante Regis de Moraes ao explicar que "a questão toda está na linguagem de estrutura lógica, com as limitações que o processo impõe. Desde o seu primeiro dia de aula, o aluno recebe a educação cartesiana, lógica, sem nunca falar em sentir".

Essa linguagem transmitida é incapaz de veicular emoções mais profundas, comenta o docente, que já utilizou recursos artísticos como a dramatização em aulas sobre os antigos filósofos. O resultado surpreendeu até mesmo os alunos. "Movimentando as impressões profundas, aprende-se muito melhor do que através da obrigação", afirma.

O conforto — Na Faculdade de Educação,

onde ministra aulas junto ao Departamento de Filosofia e História da Educação, Regis de Moraes desenvolve o seu trabalho tendo como tema central a filosofia da cultura e, recentemente, um de seus trabalhos surpreendeu o meio acadêmico. Ele abordou os pactos do hiperconforto perante a doença, a morte e a degenerescência moral — sobre este aspecto, relacionado à educação, ele exemplifica que é mais cômodo para o estudante olhar a tela da televisão do que ler um livro, pois a imagem coloca de lado a disciplina e a força de vontade.

De acordo com ele, o conforto foi corrompido a partir da revolução industrial, acarretando uma série de problemas e atingindo a educação. "Vive-se a lei do menor esforço, que coloca o educando cada vez mais imerso no mundo da imagem. A competição da escola com a mídia é uma batalha previamente perdida".

Ao falar sobre o conforto, Regis de Moraes resgatou a beleza de seu conceito no mundo antigo chegando ao tempo atual, constatando que o conforto era imensamente sábio no século 18. "Na época predominava a idéia de que o desconforto era inibidor. O ser humano precisava de uma batalha para liberar a sua criatividade e, naquele período, a intensidade criativa do homem foi a mesma do Renascimento, considerado a época da explosão da criatividade".

Isso porque a arte, garante Regis, é um dos maiores confortos do espírito, seja para quem cria como para quem a aprecia. Feita para encantar, ela sofreu um duro golpe quando a indústria descobriu que o conforto era explorável e assim o seu valor passou a ter um antivalor. (C.P.)

Nos porões da esquerda brasileira

Livro resgata a história do militante político Hermínio Sacchetta.

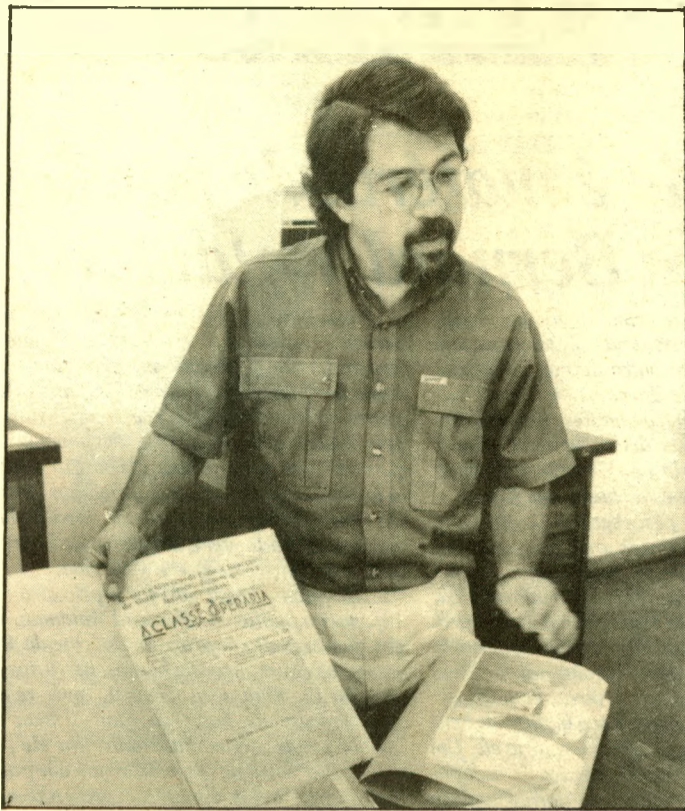
Documentos, textos e depoimentos inéditos que oferecem uma real contribuição à história das idéias da esquerda brasileira, em especial da variante trotskista presente em vários partidos e movimentos, encontram-se pela primeira vez reunidos em livro. É o conjunto de artigos e documentos do jornalista e militante político Hermínio Sacchetta (1909-1982), publicados em *O Caldeirão das Bruxas* e *Outros Escritos Políticos*, em coedição da Pontes e Editora da Unicamp.

A obra — que recebe o título de um romance inacabado de Sacchetta — ajuda a entender o pensamento da corrente trotskista na esquerda brasileira e está inserida num gênero que poderia ser chamado de memórias de militantes. Entretanto, não foi escrita com este objetivo, como revela o sociólogo Ricardo Antunes, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Antunes fez a apresentação geral do livro, elaborado pelo filho do jornalista, Vladimir Sacchetta.

“Devido à escassez de material sobre a esquerda”, diz o sociólogo, “a obra tem sido considerada importante para os pesquisadores uma vez que permite reconstituir parte da memória brasileira”. Junto com Edgard Leuenroth, Astrogildo Pereira e Octávio Brandão, Hermínio Sacchetta integrou uma linhagem de militantes que sabia da importância da preservação documental como fonte de pesquisa para os historiadores. “O resgate documental é o mérito maior do livro”, relata Antunes.

Documentos que pertenceram àqueles militantes encontram-se no mais completo e expressivo arquivo da memória da esquerda brasileira: o Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), vinculado ao IFCH. O acervo de Hermínio Sacchetta, por exemplo, que serviu como fonte para a elaboração de *O Caldeirão das Bruxas* e *Outros Escritos Políticos*, é composto de 1.064 documentos como cartas de militância, exemplares da imprensa operária e outros documentos de organizações de esquerda, além de fotografias e mais de 1.500 livros que foram cedidos pela família do jornalista.

O material está no Setor de Iconografia do AEL e refere-se à história da esquerda brasileira dos anos 30 aos 70. Entre os documentos que Sacchetta preservou está o exemplar de *A*



Antunes, autor da apresentação do livro de Sacchetta.



O militante trotskista Hermínio Sacchetta: inéditos.

Classe Operária, jornal do então clandestino Partido Comunista Brasileiro (PCB), editado em 1935 às vésperas da deflagração da Aliança Nacional Libertadora. “É um raro exemplar, pois na época se vivia a total repressão ao partido”, diz Antunes.

Pano de fundo — O conjunto de artigos e documentos de Sacchetta que compõem a obra tem como pano de fundo a atuação dele como militante do partido comunista no início dos anos 30, até a sua cisão como partido em 1937. O livro apresenta ainda a trajetória do jornalista no Partido Socialista Revolucionário criado em 1939, passando pela Liga Socialista Independente em meados de 50 até chegar ao Movimento Comunista Internacionalista nos anos 60.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, apresenta as polêmicas de Sacchetta no interior do PCB. “O documento mais expressivo — relata o sociólogo do IFCH — é a ficção política inédita chamada *O Caldeirão das Bruxas*, na qual ele agrega elementos importantes

para o entendimento da consolidação do stalinismo no PCB e denuncia a barbárie stalinista no PCB”.

Inspirado em *Macbeth*, de Shakespeare, e em *Fausto*, de Goethe, ele começa afirmando que “qualquer semelhança com as ditaduras de Stalin e Getúlio não deverá ser levada em conta como mera coincidência”. Outro documento importante na primeira parte do livro é a resposta de Sacchetta a Jorge Amado. Na época de conflito agudo entre Stalin e Trotski na União Soviética, Jorge Amado representava no Brasil a ala stalinista enquanto Hermínio Sacchetta defendia o trotskismo dentro do mesmo partido.

Foi assim que, inspirado em Sacchetta, Jorge Amado criou o personagem Saquila, em *Subterrâneos da Liberdade*, romance que trata da cisão partidária. “Com a nefasta posição do autor de defesa cega do stalinismo, Sacchetta tem a sua individualidade fortemente deformada e responde com o artigo ‘Jorge Amado e os porões da decência’, publicado em 1954”, conta Antunes. Essa parte do livro tem a apresentação do escritor e militante comunista Heitor Fer-

reira Lima.

A segunda parte do livro trata da experiência da trajetória política de Sacchetta, do final da década de 30 aos anos 70. O último artigo do jornalista, “Constituinte, antes do mais”, foi publicado em 14 de novembro de 1979 no jornal *Em Tempo*, recorda-se Antunes. A apresentação é do sociólogo Florestan Fernandes, que conviveu e militou com Sacchetta, e do intelectual Michael Löwy, marxista brasileiro radicado na França.

No final, a obra traz uma homenagem a Hermínio Sacchetta, com textos de Jacob Gorenberg, Cláudio Abramo e Maurício Tragtenberg, possibilitando ao leitor conhecer dimensões da individualidade do militante político que foi responsável pela formação do que se conhece como uma escola de jornalismo. Sacchetta dedicou 48 de seus 73 anos à imprensa, tendo trabalhado na *Folha de S. Paulo*, *Diários Associados*, *Rádio Bandeirantes* e *Shopping News*. Na tentativa de construir a esquerda alternativa no Brasil, enfrentou a repressão policial, tendo sido preso diversas vezes. (C.P.)

Pesquisa traça perfil de imigrantes

Fator econômico não é o único motivo que atrai sul-americanos ao Brasil.

Um fenômeno que passava despercebido pela antropologia social e que pode ser observado em diferentes países não escapou aos olhares atentos de uma chilena que há duas décadas, então com 11 anos, viu sua nação sofrer um duro golpe militar. Atualmente radicada no Brasil, ela se tornou objeto da própria pesquisa enfocando o que ela chama de “os peregrinos da América”, através do mestrado junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp apresentado em julho último. Com esse trabalho, Maria Edite Guerrero Obano Bevilacqua traz uma contribuição à antropologia social ao constatar que os cidadãos renegam não apenas seus países de origem como também seus contêrreos. É o que ela denomina de fenômeno da rejeição, que ocorre quando o estrangeiro não consegue lidar com as perdas e ganhos culturais.

O trabalho de Maria Edite é inovador não apenas quanto ao resultado, mas também em relação ao próprio tema, seja para a antropologia social como para a tradição historiográfica. É intitulado “Estrangeiros: peregrinos da América — os latino-americanos do Cone Sul (chilenos, argentinos e uruguaios) no Brasil de São Paulo (São Paulo e Campinas): 1970/1990”. Até então as imigrações européia e japonesa, referentes ao início do século e ao processo de industrialização no Brasil, vinham sendo o foco das pesquisas na área. Iniciado em 1985, o trabalho contesta teorias que afirmam que as pessoas deixam seus países por razões econômicas, apenas. “Essa é uma resposta muito pobre para o fenômeno migratório, pois as motivações são variadas”, constatou essa chilena que chegou ao Brasil em 1981 por razões múltiplas, como o interesse pelo aperfeiçoamento profissional e o difícil momento político que vivia seu país.

Ao selecionar os entrevistados latino-americanos para a pesquisa, Maria Edite considerou três aspectos. A eclosão de violentos



Maria Edite: personagem de sua própria história de exílio.

golpes de Estado em países do Cone Sul (Argentina, Chile e Uruguai); o momento histórico (a partir da década de 70); e o ponto final no processo migratório, ou seja, as cidades de São Paulo e Campinas no início dos anos 90. Refugiados políticos, imigrantes econômicos em busca de emprego, estudantes de pós-graduação ou peregrinos existenciais, que deixaram os seus países por causa de conflitos de geração, caracterizam o grupo dos 32 estrangeiros entrevistados pela antropóloga.

Do total, 76% têm formação universitária e quase todos, tanto homens como mulheres, residiram em outras nações antes de chegar ao Brasil. A maioria era militante política no país de origem e sofreu torturas e perseguições, “vivendo um processo violento do qual não se consegue sair impune”, avalia Maria Edite. Ela se lembra dos amigos de escola que nunca mais teve notícias. Muitos abandonaram o Chile da noite para o dia, após 11 de setembro de 1973, quando Augusto Pinochet assumiu o poder por quase duas décadas. Escrever sobre os peregrinos da América foi uma experiência difícil, confessa a antropóloga, que teve como motivação sua própria história de vida.

Perdas e ganhos — Questionando a ambigüidade de alguns conceitos, ela condensou a visão de diferentes autores quanto às definições

de imigrante, exilado e estrangeiro e constatou que há problemas e semelhanças entre as três denominações. Imigrante é aquele que se desloca voluntariamente, não raro por razões econômicas. Exilado é o indivíduo que foi obrigado a sair do país, sem a possibilidade de retorno imediato. O estrangeiro se caracteriza pela experiência labiríntica em que o indivíduo perde o referencial cultural e se adapta e integra a uma nova cultura ou, inversamente, é a experiência positiva pela qual se faz o exercício constante do distanciamento, estranhamento e familiaridade entre as culturas.

Para Maria Edite, ser estrangeiro implica em ganhos e perdas permanentes, pois adquirem-se novos códigos culturais diante da experiência no outro país. Quando o indivíduo mantém apenas a idéia de perdas, como a ausência do idioma ou a falta de contato com a família, a vivência torna-se dolorosa. Perante esse quadro de limites Maria Edite afirma que “é preciso estar consciente das perdas e ganhos. Considero uma experiência rica, permitindo amar e rejeitar locais e situações nos países com tradições e hábitos diferentes”.

Os argentinos, chilenos e uruguaios que ela entrevistou mencionaram que uma das saídas para a adaptação é se “abrasileirar”. Ou seja, incorporar-se à sociedade e adquirir as características que eles consideram negativas nos bra-

sileiros, como ser ambíguo ou achar que sempre tudo está bem. Há também o outro significado do “abrasileirar”: absorver o traço positivo do brasileiro, tornando-se um indivíduo socialmente alegre e informal.

Ausência de referencial — A atitude dos peregrinos da América também contradiz a teoria antropológica que pressupõe a existência de sinais diacríticos. Esses funcionam como marcas que distinguem pessoas de determinada nacionalidade, afirmando a identidade dos indivíduos. É o caso do bairro do Bixiga, em São Paulo, onde os italianos e seus descendentes compartilham das tradições daquele país. Durante a pesquisa, Maria Edite constatou que “nem todos os grupos de latino-americanos assumem a identidade e o resultado é a intensa aversão aos contêrreos e suas nações de origem”. São raras, como observou a pesquisadora, as reuniões de latino-americanos para reviver a cultura de seu povo.

Vivendo no Brasil em restritos e pequenos grupos, os latino-americanos deixam aflorar, entre si, a discriminação e a inter-rejeição. Argentinos se acusam mutuamente, falam mal dos chilenos e dos uruguaios, sem poupar os brasileiros. Os chilenos e uruguaios fazem o mesmo, como verificou a antropóloga. Uma argentina lhe disse que seus contêrreos têm mentalidade especulativa e só pensam em dólar. Ouviu de um chileno a reclamação de que o vinho do Chile é ruim, sendo que mundialmente os enólogos atribuem ao produto uma respeitável posição. Quanto aos uruguaios, a pesquisadora observou que são pessoas muito formais principalmente no modo de se vestir, conforme depoimento de um cidadão daquele país.

Esse choque está relacionado à identidade, à tradição antropológica e à incapacidade de assumir uma nacionalidade. As pessoas tornam-se indivíduos sem referencial, pois a identidade implica em assumir determinadas características, o que não tem sido possível a esses americanos do Cone Sul que imigraram a partir dos anos 70. No entanto, a antropóloga social acredita que “o fenômeno de rejeição existe a nível mundial. Sem renegar a sua origem, qualquer que seja, o que importa é que o estrangeiro tenha uma vivência positiva diante da transição de perdas e ganhos”. (C.P.)